



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**SHEILA AHMAD MONÇÃO**

**AS POLÍTICAS CULTURAIS DO TEATRO VILA VELHA**

**Salvador  
2008**

**SHEILA AHMAD MONÇÃO**

**AS POLÍTICAS CULTURAIS DO TEATRO VILA VELHA**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Produção em Comunicação e Cultura, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação – Produção em Comunicação e Cultura.

**Salvador  
2008**

À minha amada avó pelos seus 90 anos de  
vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Teatro Vila Velha, aos membros do Grupo de Trabalho e responsáveis pelos Grupos Residentes, pela atenção e predisposição em participar da pesquisa que culminou neste trabalho.

Aos meus pais pelo incentivo, apoio, educação e cobranças.

A Lucas Lins pela amizade, confiança e parceria desde o primeiro dia de aula, pelas discussões sempre pertinentes e principalmente, pelas noites perdidas me ajudando.

**RESUMO:** O presente estudo apresenta uma análise baseada em uma pesquisa de fontes primária e secundária realizada a partir de um modelo teórico-analítico sobre

as políticas culturais do Teatro Vila Velha. Este trabalho visa salientar a importância da formulação e implementação de políticas culturais eficientes e eficazes executadas não somente pelos governos federal, estadual e municipal, mas também por organizações privadas, sem fins lucrativos ou comerciais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Políticas Culturais, Teatro Vila Velha.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>TEATRO VILA VELHA</b>	<b>09</b>
1.1 UM POUCO DE HISTÓRIA	09
1.2 BREVE DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA	11
1.3 DELINEANDO A GESTÃO	12
1.4 APRESENTANDO AS AÇÕES	13
1.5 IDENTIFICANDO OS GRUPOS RESIDENTES	14
<b>2 POLÍTICAS CULTURAIS</b>	<b>18</b>
2.1 POLÍTICAS CULTURAIS NO BRASIL	23
2.2 POLÍTICAS CULTURAIS NA BAHIA	25
2.3 POLÍTICAS CULTURAIS EM SALVADOR	30
<b>3 POLÍTICAS CULTURAIS DO TEATRO VILA VELHA</b>	<b>33</b>
3.1 POLÍTICAS ACIONADAS	33
3.2 NOÇÃO DE CULTURA	34
3.3 LINHAS DE AÇÃO	34
3.3.1 <i>Projetos e Oficinas</i>	34
3.3.2 <i>Preço dos Ingressos e promoções</i>	35
3.3.3 <i>Cessão de Pauta</i>	37
3.4 OBJETIVOS E METAS	38
3.5 ATORES CULTURAIS	39
<b>3.5.1 ONG Sol Movimento da Cena e a direção do teatro</b>	<b>39</b>
<b>3.5.2 Grupos Residentes</b>	<b>40</b>
3.6 OS PÚBLICOS DO VILA	
3.7 INSTRUMENTOS E RECURSOS	42
<b>3.7.1 Recursos Materiais – Equipamentos e Instalações</b>	<b>45</b>
<b>3.7.2 Recursos Humanos – Colaboradores do Vila</b>	<b>46</b>
<b>3.7.3 Recursos Financeiros – Mantenedores e patrocinadores</b>	<b>47</b>
<b>3.7.4 Recursos Legais – regimento interno</b>	<b>48</b>
3.8 MOMENTOS ACIONADOS	49
3.9 INTERFACES DA CULTURA	51
<b>4 CONCLUSÃO</b>	<b>53</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
<b>APÊNDICE A</b>	
<b>APÊNDICE B</b>	
<b>ANEXO 1</b>	
<b>ANEXO 2</b>	
<b>ANEXO 3</b>	
<b>ANEXO 4</b>	
<b>ANEXO 5</b>	
<b>ANEXO 6</b>	

## INTRODUÇÃO

O despertar para a cultura que aconteceu nos últimos anos fez emergir questões acerca da produção, elaboração e execução das políticas culturais. Definições e conceitos afloraram em meio a uma completa negligência cultural por parte do Estado. A recente preocupação com as questões ligadas à criação de políticas públicas de cultura motivou estudos acerca do papel que estas têm no desenvolvimento da sociedade.

E é dessa forma que surgiu a curiosidade em estudar o Teatro Vila Velha, um equipamento cultural que se destaca no cenário baiano por suas produções e formação de artistas. O Teatro Vila Velha é rico em história e produções, assim, fica clara a necessidade em pesquisar como são formuladas e executadas as políticas culturais desenvolvidas nesse importante equipamento cultural. Buscando apontar momentos e ações que não são levados em consideração por diversos autores quando se define políticas culturais.

A metodologia aplicada neste trabalho é baseada no modelo teórico-analítico proposto pelo professor Albino Rubim. Este modelo serve como um dispositivo norteador e facilitador de investigação e análise das políticas culturais. É formado por nove fases ou dimensões investigativas, baseadas em parâmetros que caracterizam o processo de idealização e implantação de uma política cultural. É um importante mecanismo de estudo das políticas culturais que pode ser aplicado em formulações nas esferas governamentais federal, estadual ou municipal, bem como em casos mais específicos, como é este trabalho, que envolve um ator não governamental de uma ação cultural.

Segundo o autor, o modelo deve abarcar algo além da definição de políticas culturais denominada de operativa. Possibilitando uma maior abrangência do seu sentido e uso, permitindo uma análise mais coerente. Neste modelo estão delimitadas as dimensões necessárias para a criação de políticas culturais contínuas, eficientes e eficazes em suas formulações. Dessa forma, este estudo

pretende mostrar como se relacionam as variantes que caracterizam as políticas culturais adotadas por um equipamento cultural como o Teatro Vila Velha, que tem o compromisso de fomentar e difundir a cultura.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo traz um breve apanhado histórico do teatro e uma breve descrição física e administrativa. Desde o seu nascimento imaginário, com um grupo de estudantes de teatro, até sua efetiva realização como obra arquitetônica e ideológica, o traçado histórico e descritivo serve para localizar a importância e mostrar a força que este equipamento representa para o cenário baiano.

O segundo capítulo tem a finalidade de delimitar a abrangência do termo políticas culturais, bem como delinear historicamente a presença de ações de cunho cultural nas três esferas governamentais. Buscando assim, compreender qual o cenário político em que está inserido o Vila Velha e de que forma as novas ações governamentais influenciam a criação e execução de políticas culturais nesse teatro.

O terceiro capítulo traz a identificação e análise das dimensões delineadas pelo modelo aplicado, que tem como auxílio entrevistas realizadas com coordenadores de três dos seis grupos residentes: Companhia Teatro dos Novos, formado por crianças e adolescentes, A Outra Companhia de Teatro, grupo residente mais novo, com apenas quatro anos de existência e o Bando de Teatro Olodum, único grupo formado por artistas negros. Suas características peculiares foram responsáveis pela escolha dos três grupos residentes como objetos de pesquisa e estudo.

O presente trabalho busca, por fim, identificar as políticas culturais elaboradas e executadas pelos atores culturais. O papel histórico e simbólico do Vila é de fundamental importância para se compreender como se deu o desenvolvimento das artes na Bahia. Por isso, esse estudo se torna pertinente para compreender as articulações entre diferentes dimensões em prol de um único objetivo: criar políticas culturais que incidem, de alguma maneira, na sociedade.



# 1 TEATRO VILA VELHA

## 1.1 UM POUCO DE HISTÓRIA

A história do Teatro Vila Velha (TVV) tem início com a saída de um grupo de estudantes da Escola de Teatro da Universidade da Bahia em consequência de conflitos ocorridos na produção da peça “Um Bonde Chamado Desejo”. Quando, liderados pelo professor João Augusto de Azevedo Filho (1928-1979), os alunos: Carlos Petrovich, Sônia Robatto, Tereza Sá, Carmen Bittencourt, Ecchio Reis e Othon Bastos renunciaram o diploma de graduação e criaram a Sociedade Teatro dos Novos (STN). A ruptura com a Escola de Teatro aconteceu “pela incompatibilidade absoluta com o reitor” (MARTINES, 2005, p.27) e com o diretor Martin Gonçalves, numa época em que

(...) já não bastavam às boas intenções, a habilidade promocional ou o domínio teórico-prático da arte teatral. As condições reinantes no final da década de 1950 e início de 1960 conclamavam um posicionamento a respeito de para onde deveria caminhar a sociedade brasileira que, no caso da arte, significava mudanças na concepção do mundo refletido num questionamento a respeito do papel da arte na sociedade, da existência ou não de uma dramaturgia que espelhasse o ser brasileiro na sua alteridade e desigualdade social”. (MARTINEZ, 2002, 25)

Após o rompimento, veio também, o convite da professora Domitila Amaral para excursionar pelo país fazendo teatro. O grupo, então, viajou para Minas, onde ficou aproximadamente oito meses. Ao voltar para Salvador, a STN estreou a peça, “Auto do Natal”, de autoria de Sônia Robatto. O retorno à Bahia foi marcado pelo fortalecimento do grupo e pela estréia da peça no interior do estado, precisamente, na cidade de Itabuna. Tal atitude revela o interesse da STN “em promover a própria cultura regional através deles mesmos, valorizando todas as regiões do Estado e não se circunscrevendo exclusivamente às comodidades da cidade de Salvador”. (MARTINEZ, 2002, p.28).

Quando chegou a Salvador, a STN percebeu que a continuidade e a manutenção das atividades do grupo dependiam de um espaço próprio. Iniciou-se, assim, “uma campanha popular visando a construção de um teatro que,

arquiteticamente, refletisse o pensamento inovador da companhia”<sup>1</sup>. A STN criou, juridicamente, uma associação com a finalidade de planejar, representar e captar recursos para encapar esse novo projeto (MARTINEZ, 2002). Concomitantemente, o governador Juracy Magalhães cedeu um terreno, a título precário, no Passeio Público, atrás do Palácio da Aclamação, no bairro do Campo Grande.

Assim, no dia 31 de julho de 1964 foi inaugurado o Teatro Vila Velha, com o projeto arquitetônico assinado por Silvio Robatto. Algum dia após a inauguração iniciou-se os eventos que preencheram a pauta do TVV, como o show *Nós, Por exemplo*, que revelou nomes como os irmãos Caetano Veloso e Maria Betânia, entre outros artistas. Em 1979, após 15 anos à frente da administração do teatro, João Augusto morre de câncer. Sua morte causou um colapso no Vila, os problemas de gestão, dramaturgia e administração decorrentes do falecimento de João Augusto refletiram “na qualidade das peças apresentadas, no esvaziamento do seu público e no abandono progressivo de suas instalações e equipamentos” cuja deteriorização já estava avançada (MARTINEZ, 2002, p.63).

A década de 1980 e início da década de 1990 foi um período caracterizado pela estagnação do Teatro Vila Velha. O acúmulo de dívidas, a falta de verbas para a manutenção da infra-estrutura e dos equipamentos acarretou na cessão da pauta do teatro para espetáculos de teatro-escola e até mesmo peças eróticas. No ano de 1994, no entanto, esse panorama começa a mudar, dois novos sócios ingressaram na STN: Ângela Andrade e Márcio Meireles, responsáveis por um novo impulso ao Vila. Foi então que em dezembro de 1995 iniciou-se a primeira etapa de uma reforma estrutural, que, de forma independente e paralela, acompanhou um processo de políticas de revitalização urbana iniciada com a reforma do Pelourinho entre os anos de 1992 e 1996<sup>2</sup>.

Embora essa reforma não possua o mesmo objetivo das revitalizações urbanas dos pontos turísticos, cuja finalidade é aumentar o fluxo de turistas, no intuito de movimentar a economia do estado, percebe-se que ela se insere em um

---

<sup>1</sup> Trecho retirado em < <http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/historia.htm>>, último acesso 01/11/2008 às 21h10min.

<sup>2</sup> Trecho retirado em <[http://www.usp.br/fau/docentes/deprojeto/e\\_nobre/revitalizacao\\_centros.pdf](http://www.usp.br/fau/docentes/deprojeto/e_nobre/revitalizacao_centros.pdf)>, último acesso em 17/05/2008, às 10h 38min.

processo orientado para “reforçar ou criar a identidade e a imagem de cada cidade”. (VAZ, Lílian; JACQUES, Paola. 2003, p.)

Destarte, um ano depois de ter sido iniciada a reconstrução do Vila, “a primeira etapa do projeto arquitetônico, de Carl von Hauenschild foi inaugurada”<sup>3</sup>, iniciando-se a segunda etapa. Finalizada a reforma, em maio de 1998, o teatro, todo reconstruído, foi entregue ao público e aos artistas. A primeira peça a ser encenada, no novo teatro, foi “*Um Tal de Dom Quixote*”, produção resultante da parceria de dois grupos residentes: o Bando de Teatro Olodum e a Companhia Teatro dos Novos.

A reforma do Vila obteve modificações que não se restringiram “mais a sua dimensão físico-territorial, mas envolveu em grau crescente, considerações de ordem simbólica. O lugar, a imagem e a identidade *do Vila* [grifo nosso] se tornaram fundamentais” (VAZ E JACQUES, 2003, p.131) para o cenário artístico baiano. Servindo, também, como uma revitalização do ideal proposto por seus fundadores, os primeiros membros da STN. Uma prova desta modificação foi o surgimento de mais quatro grupos residentes: “a partir de 1998, a Companhia Viladança, em 2001, a Companhia Novos Novos e o Grupo Vilavox e em 2004, A Outra Companhia de Teatro”<sup>4</sup>.

Outros fatores importantes na caracterização do TVV, que o destaca diante dos outros equipamentos da cidade, são os projetos duradouros, os grupos residentes, a pauta sempre preenchida, na maioria das vezes, por produções próprias, a infra-estrutura, os equipamentos disponíveis e o modelo de gestão que procura abarcar quase todos os segmentos culturais: música, dança, teatro, artes plásticas.

## 1.2 BREVE DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA FÍSICA

---

<sup>3</sup> Informação disponível em: <http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/historia.htm>, último acesso em 03/11/2008 às 23h06min.

<sup>4</sup> Informação disponível em: <http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/historia.htm>, último acesso em 03/11/2008 às 23h06min.

Para comportar produções executadas pelos seis grupos residentes e alugar a pauta para produções de fora, a estrutura, atual, do Vila conta com: a Sala Principal, o Cabaré Café, o Foyer e as salas de ensaio (Sala João Augusto e Sala 2). Cada espaço complementar tem capacidade para abrigar segmentos culturais - dança, música, artes plásticas, entre outros – específicos e os seus respectivos públicos.

A Sala Principal tem lotação de 237 lugares, com um palco mutável tipo italiano, podendo assumir diversas configurações. O Cabaré Café abriga 90 pessoas, tem um palco italiano estabelecendo “uma interessante proximidade entre a platéia e o palco, que confere ao ambiente um ar intimista, propício a espetáculos de divertimento e shows musicais”<sup>5</sup>. O Foyer é o espaço complementar utilizado para exposições, recepção do público e ainda abriga a loja do Vila. A Sala João Augusto é a maior sala de ensaio, pode abrigar espetáculos, leituras e performances, possui equipamentos de som e barras de apoio.

A Sala 2 tem capacidade de 40 pessoas, é utilizada pelos grupos residentes para ensaiar e pode abrigar convidados, oficinas e workshops. A bilheteria funciona de terça-feira a domingo a partir das 14h. O teatro não possui estacionamento próprio, utiliza o do Passeio Público, tem acesso a portadores de deficiências especiais, saída de emergência, extintores de incêndio, detectores de fumaça e hidrantes, equipamento de sonorização e iluminotécnica que são compartilhados tanto pela Sala Principal e pelo Cabaré e um estúdio, o Estúdio do Vila.

### 1.3 DELINEANDO A GESTÃO

Toda essa estrutura física que serve de suporte para as produções dos grupos residentes, dos projetos institucionais, do intercâmbio com outros artistas (nacionais e internacionais) e das oficinas caracterizantes do TVV não seriam suficientes sem uma boa gestão. O Vila é um teatro independente, de natureza privada, pertencente a STN, localizado em um terreno público e gerido por uma organização sem fins lucrativos e comerciais.

---

<sup>5</sup> Informação disponível em: <http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/espacos.htm>, último acesso em 03/11/2008 às 23h30min.

O Vila é administrado por uma Organização Não Governamental, a Sol Movimento da Cena, que está vinculada institucionalmente a membros ligados a algum grupo ou departamento administrativo e a diretoria. É a diretoria quem possui o poder de decisão administrativa – planejamento, pauta, programação – e financeira.

Os responsáveis pelo Vila são: Fábio Espírito Santo, diretor do teatro; Chica Carelli, coordenadora do “Bando de Teatro Olodum”; Vinício de Oliveira Oliveira, coordenador do grupo “A Outra Companhia de Teatro” e presidente da ONG Sol Movimento da Cena; Débora Landim, coordenadora da “Companhia Novos Novos”; Gordo Neto, coordenador do “Vila Vox” e vice-presidente da ONG Sol Movimento da Cena; Cristina Castro, coordenadora do “Viladança” e o gerente administrativo-financeiro.

#### 1.4 APRESENTANDO AS AÇÕES

As ações do Vila são verificadas nos projetos e oficinas que têm como objetivo desenvolver o meio artístico formando platéia e novos produtos culturais. Estão abertos a qualquer linguagem e segmento cultural. São produzidos pelo teatro em parceria com os grupos residentes e convidados: o Vila Verão, o Mês da Dança no Vila, o Vilerê, o Fala Vila, o Vilalê, o Aniversário do Vila, o Caderno do Vila, as Trilhas do Vila, as Oficinas de Verão e as Oficinas Livres.

O **Vila Verão**, antigo Amostrão do Vila, acontece nos meses de janeiro e fevereiro, é um tipo de “Vale a Pena Ver de Novo”, que reuni as principais e melhores montagens, além dos melhores shows de música, espetáculos de dança, entre outros, do ano anterior e as reapresentam durante o verão. No **Mês da Dança no Vila**, em abril, é promovido uma programação especial de dança, com workshops, espetáculos, vídeos e palestras.

O **Vilerê** é um projeto dedicado exclusivamente às crianças e acontece no mês de outubro, durante os finais de semana. Nele são feitas atividades e brincadeiras, além de mostras de filmes curta-metragem infanto-juvenil, exposições

e jogos recreativos. O **Fala Vila** é um espaço aberto a discussões, onde são tratados temas diversos. É o momento dado para reflexão de temas ligados ao interesse da sociedade, como Políticas Culturais, por exemplo. Conta com a participação de profissionais ligados a diversas áreas sejam elas à teatral, à dança, à psicanálise, entre outras.

O **Vilalê** busca promover leituras de textos dramáticos. O **Aniversário do Vila** é uma forma inusitada e diferente de comemorar a passagem de mais um ano de vida do teatro. Já o **Caderno do Vila** traz as memórias do teatro, desde sua fundação até os dias de hoje, surgindo como forma de registro. Até agora, foram lançados três cadernos: “Haydil Linhares - 4 peças”, de Haydil Linhares, em 2002; “Teatro do Bando – Negro, baiano e popular”, de Marcos Uzel, em 2003, mostrando a trajetória do Bando de Teatro Olodum; e “Teatro de Cabo a Rabo – Do Vila para o interior e vice versa”, de Marcio Meirelles, este caderno retrata o intercâmbio do Vila com o interior do estado.

Ao contrário de todos os outros projetos, o **Trilhas do Vila** é permanente, porém não periódico, e tem a função de registrar todas as trilhas sonoras dos espetáculos produzidos. Todos os discos estão à venda na loja situada no Foyer e contam com composição de Jarbas Bittencourt, para o Bando de Teatro Olodum, Viladança e Companhia Teatro dos Novos e registro da trilha do Cabaré da RRRRRaça, entre outros que já foram lançados ou ainda estão no forno. Todas as trilhas estão à venda na loja do Vila.

Nas **Oficinas Livres** são disponibilizados cursos contam com a participação de excelentes e preparados professores, de artistas renomados, além de resultarem em um espetáculo no final apresentado pelos alunos. As **Oficinas Vila Verão**, como o próprio nome já diz, acontecem no verão junto com o projeto Vila Verão. São cursos que vão desde a atuação nos palcos à que ocorre atrás, nos bastidores, como curso de iluminação, sonorização, maquiagem, entre outros.

## 1.5 IDENTIFICANDO OS GRUPOS RESIDENTES

Os Grupos Residentes representam da ideologia presente no teatro, pois “é através do trabalho desses grupos que o Vila transmite sua postura artística, cultural, política e filosófica”<sup>6</sup>. A história deles se confunde com a história do próprio teatro, são eles que colocam em prática o sonho e a missão do Vila, além de serem os responsáveis pela execução e cumprimento dos objetivos das políticas culturais. Possuem autonomia para trabalhar com qualquer segmento, em diversas linguagens diferentes, bem como possuem certos privilégios, que vão desde o aluguel da pauta até o usufruto dos espaços disponíveis no teatro.

São seis grupos residentes que apresentam por ano, pelo menos, uma montagem inédita. Usufruem dos espaços disponíveis e ajudam a manter a estrutura e a imagem do Vila, pois são eles quem representa o teatro no Brasil e no exterior. Cada grupo tem uma proposta diferente, uma linguagem específica, porém com um objetivo comum: produzir arte. São eles:

### **1.5.1 Companhia Teatro dos Novos**

Companhia Teatro dos Novos é o mais velho dos grupos, foi criado em 1964, com mais de 40 anos de história e aventura, é o grupo que ousa e experimenta o novo. Representa a reunião e união de “gente que pensa teatro numa perspectiva ampla, interessando-se e experimentando dramaturgias, direções, espaços, técnicas circenses, figurinos, sonoridades e movimentos: uma aventura na mistura de linguagens”<sup>7</sup>.

### **1.5.2 Bando de Teatro Olodum**

Bando de Teatro Olodum foi formado em 1990 é composto apenas de artistas negros. Procura trazer para a atualidade questões sobre a realidade social, histórica e econômica dos negros através de uma linguagem própria.

### **1.5.3 Viladança**

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.teatrovilavelha.com.br/gresidentes2.htm>, último acesso em 25/05/2008 às 15h32min.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.teatrovilavelha.com.br/gresidentes2.htm>, último acesso em 29/05/2008 às 22h09min.

Viladança foi criado em 1998, pela coreógrafa Cristina Castro, que também é diretora do grupo. O processo criativo deste grupo tem como alvitre a comunhão de diversas linguagens e a sistematização do cotidiano através da dança. Desenvolve, em paralelo aos espetáculos, um trabalho social baseado nas oficinas de dança e intercâmbios com instituições de ensino.

#### **1.5.4 Companhia Novos Novos**

Companhia Novos Novos surgiu em 2001 após o processo de produção do espetáculo Pé-de-Guerra, como resultado da necessidade de constituir um grupo formado apenas por crianças.

#### **1.5.5 Vilavox**

Vilavox, criado em 2001, constitui um grupo que se apropria de diversas linguagens como, a dança, a música, o teatro, para desenvolver as experiências adquiridas nos palcos do Vila.

#### **1.5.6 A Outra Companhia de Teatro**

A Outra Companhia de Teatro, o mais novo dos seis grupos residentes, nasceu em 2004 depois da produção da peça Arlequim - Servidor de Dois Patrões. É um grupo que busca “referenciais culturais bem próximas dos artistas, para sua apropriação e aplicação em contextos diferenciados”<sup>8</sup>, através da apropriação de imagens e manifestações populares.

\*

Decerto, a base do que hoje é o Vila foi resultado do sonho, da coragem e da ousadia de um grupo de jovens, que modificou o teatro baiano com o “trabalho

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.teatrovilavelha.com.br/gresidentes2.htm>, ultimo acesso, 27/05/2008 às 23h31min.



prático voltado à comunidade, atendendo assim a uma necessidade social que era a escassez de uma atividade cênica regular como também supriram a escassez de salas teatrais na cidade” (VAZ E JACQUES, 2003). Assim, a fábrica do Vila, traz em sua essência, uma cultura democrática, aberta, sem vícios ou preconceitos. Onde, mantêm viva a chama da luta dos seus fundadores, pois é, sem dúvidas, um teatro independente e inovador. Por tudo isso, que o Vila é tão importante para o cenário cultural baiano e nacional.

## 2 POLÍTICAS CULTURAIS

A recente conformação e (relativa) autonomia do campo cultural representam uma limitação na síntese dos seus conceitos fundamentais: cultura, políticas públicas (de cultura) e políticas culturais. Dessa forma, faz-se necessário, primeiro, delimitar o papel da cultura e discorrer sobre o contexto histórico-político no qual ela está inserida – expressas na forma de políticas públicas. E, segundo, elucidar o conceito de políticas culturais, que neste trabalho se baseia em formulações propostas nos escritos de Felix e Fernandes (2006, p.1) Rubim (2007, p.13 apud Canclini, 2001 p.65), Coelho (2004, p.293-300), UNESCO (2005, p. 5) e Botelho (2001, p. 3, p.5),

A cultura era compreendida, no século XIX, como espírito cultivado, neste mesmo século, após a Revolução Francesa, há uma mudança na acepção do termo, tornando-se o conjunto de características que configuram em uma singularidade, particularidade de cada povo ou nação. No Estado imperial a cultura era o que provinha da plebe, por isso, era considerada mais original, tornando-se a base da cultura erudita. Assim, a cultura popular aparece “como um conceito elaborado pelas elites letradas para se apropriar das manifestações culturais populares, exercendo sobre elas, uma censura, transformando-as em mote para uma cultura nacionalista ou regionalista” (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 64) O advento do Estado Republicano fez emergir novas culturas provenientes das favelas e dos “novos grupos sociais, como o operariado urbano e as classes médias” (ALBUQUERQUE JR, 2007, p.66).

O conceito atual de cultura está ligado ao desenvolvimento que aparece como um roteiro alternativo, num momento em que a UNESCO modifica, consideravelmente, a concepção de cultura, que passou a ser entendida como

(...) um conjunto distinto de elementos espirituais, materiais, intelectuais e emocionais de uma sociedade ou grupo social. Além da arte e da literatura, ela abarca também os estilos de vida, modos de convivência, sistemas de valores, tradições e crenças.

(Preâmbulo da Declaração de Diversidade Cultural da UNESCO, 2001)

Portanto, a noção de cultura passa de um discurso elitista e restritivo a um fator de construção nacional, de inclusão social, cuja função se iguala e completa os outros fatores construtivos discrepantes, como a fome e a educação. Destarte, “a correlação entre cultura e política é reforçada nos planos institucionais, na medida em que a organização exalta temas com democracia e promoção dos direitos econômicos, sociais e culturais, seja no plano intra-estatal ou no plano inter-estatal”. (PITOMBO, 2007, p.134)

Uma definição bem próxima do que a UNESCO propõe é dada por Teixeira Coelho. O autor analisa a cultura de duas maneiras, na sua concepção mais ampla, em que “(...) *cultura* remete à idéia de uma forma que caracteriza o modo de vida de uma comunidade em seu aspecto global, totalizante”. E na concepção mais restrita que tem como base Raymond Williams, “a cultura designa o processo e cultivo da mente, nos termos de uma terminologia moderna e cientificista, ou do espírito, para adotar um ângulo mais tradicional” (COELHO, 2004, p.103).

No decorrer de sua acepção, Teixeira Coelho apresenta uma apreciação crítica da concepção mais restrita, mostrando que pensar na cultura, igual à primeira noção, como um processo de desenvolvimento da mente significa dizer que quem está à frente dessa cultura é a elite. Já nas outras duas noções há um misto de idealismo e materialismo, pois o termo cultura aponta para:

(...) 1) um estado mental ou espírito desenvolvido, como na expressão “pessoa de cultura”; 2) o processo que conduz a esse estado, de que são parte as práticas culturais genericamente consideradas; 3) os instrumentos (ou os *media*) desse processo, como cada uma das artes e outros veículos que expressam ou conformam um estado de espírito ou comportamento coletivo. (COELHO, 2004, p.103).

Assim, o autor afasta-se da percepção de cultura proposta pela UNESCO ao considerá-la como “atividades determinadas do ser humano que, no entanto, não restringem as tradicionais (...) mas se abrem para uma rede de significações ou linguagens” (COELHO, 2004, p. 104), tais como as festas populares, a moda etc. E aproxima-se da dimensão sociológica sugerida por Botelho (2001, p. 5) ao privilegiar

“um circuito organizacional que estimula, por diversos meios, a produção, a circulação e o consumo de bens simbólicos, ou seja, aquilo que o senso comum entende por cultura popular”.

Enquanto que a visão da UNESCO representa a dimensão antropológica, em que permeia a idéia de que “a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constrói seus valores, manejam identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas” (BOTELHO, 2001, p.3).

Por fim, destaca-se a noção de cultura do ex-ministro Gilberto Gil, na qual, esta aparece como um “conjunto dinâmico de todos os atos criativos de nosso povo. (...) Cultura como usina de símbolos de cada comunidade e de toda a nação. Como eixo construtor de nossa identidade. (...) Cultura como síntese do Brasil” (GIL, 2003). Esta concepção reflete a nova postura do governo federal em relação às políticas públicas, principalmente às ligadas a cultura.

Dessa forma, política pública, segundo Anita Simis, pode ser entendida, genericamente, como sendo

(...) a escolha de diretrizes gerais, que tem uma ação, e estão direcionadas para o futuro, cuja responsabilidade é predominantemente de órgãos governamentais, os quais agem almejando o alcance do interesse público pelos melhores meios possíveis, que no nosso campo é a difusão e o acesso à cultura pelo cidadão. (SIMIS, 2007, p.133)

No entanto, a conformação dessa política depende do debate público, no qual participem vários agentes culturais – não apenas o Estado – interferindo e abrangendo novos elementos, para assim, constituir políticas públicas de cultura eficientes e eficazes<sup>9</sup>. De acordo com Botelho (2001, p.14), para que haja uma política pública de incentivo às atividades culturais é necessário que haja uma parceria entre as três esferas governamentais, num plano horizontal e nas três

---

<sup>9</sup> Por eficiência e eficácia, entende-se o proposto por Chiavenato, no qual “a eficiência está voltada para a melhor maneira (the best way) pela qual as coisas devem ser feitas ou executadas (métodos) a fim de que os recursos”, no caso das políticas públicas os recursos humanos, financeiros e legais, “sejam aplicados da forma mais racional possível”. (...) Enquanto que a eficácia é alcançar “os objetivos por meio dos recursos disponíveis”. (CHIAVENATO, 2003, p.155)

esferas administrativas, num plano vertical, compondo dois pontos “fundamentais para conquistar novas fontes privadas de financiamento”. Já Rubim, acredita que para que haja políticas públicas de cultura,

(...) isto é, políticas que podem emanar do governo, mas que ao passarem pelo crivo do debate crítico com a sociedade civil, são traduzidas em políticas públicas. Aqui é fundamental distinguir políticas estatais de cultura de políticas públicas de cultura, pois estas últimas implicam sempre em políticas negociadas com a sociedade. (RUBIM, 2007, p. 10)

Os órgãos governamentais, os agentes do campo cultural e a sociedade civil são observados neste pensamento como responsáveis por pensar, realizar e debater as políticas públicas de cultura. Desse modo, as políticas culturais, exercem um papel fundamental para fomentar a cultura, desde que o Estado, principal agente cultural, seja considerado como

(...) aquele que vê com clareza os problemas que afetam a área cultural em todos os elos da cadeia da criação – produção, difusão, consumo – e sabe posicionar, dividir responsabilidades com potenciais parceiros governamentais em todas as instâncias administrativas e, finalmente, conclamar a sociedade a assumir a sua parte. (BOTELHO, 2001)

Desse modo, o Estado tem o papel de chamar a sociedade para o diálogo, na tentativa de criar um vínculo participativo, onde o tema principal é a cultura e as metas são as diretrizes que devem ser tomadas, pois é dever do Estado brasileiro, garantido pela Constituição, promover, desenvolver e fomentar a cultura. Sendo dever do Estado,

(...) dispor de recursos financeiros para o fomento e a implantação de políticas públicas capazes de incrementar o acesso à criação e à fruição dos bens culturais e o direito à informação, convertendo a cultura no veículo mais eficaz de inclusão social. (CANEDO, 2007)

A partir da delimitação da cultura e das políticas públicas, emerge o conceito de políticas culturais, todas essas três concepções constituem e legitimam as operações do campo da cultura. Segundo Felix e Fernandes (2006, p.1), políticas culturais são “propostas desenvolvidas pela administração pública, organizações

não governamentais e empresas privadas, com o objetivo de promover intervenções na sociedade através da cultura”. Já Rubim, apresenta a definição efetuada por Canclini, na qual, políticas culturais podem significar:

(...) al conjunto de intervenciones realizadas por el estado, las instituciones civiles y los grupos comunitarios organizados a fin de orientar el desarrollo simbólico, satisfacer las necesidades culturales de la población y obtener consenso para un tipo de orden o transformación social. (RUBIM, 2007, p.13 apud CANCLINI, 2001, p. 65).

Enquanto que Teixeira Coelho (2004, p.293), ao analisar as políticas culturais como uma “ciência da organização das estruturas culturais” se distancia da definição de Canclini, aproxima-se da mesma quando compreende as políticas culturais como um

Programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas. (COELHO, 2004, p.293)

Essas mesmas políticas, entendidas como programas ou conjunto de intervenções na Convenção Sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, podem ser consideradas medidas culturais e podem ser definidas também como:

(...) políticas e medidas relacionadas à cultura, seja no plano local, regional, nacional ou internacional, que tenham como foco a cultura como tal, ou cuja finalidade seja exercer efeito direto sobre as expressões culturais de indivíduos, grupos ou sociedades, incluindo a criação, produção, difusão e distribuição de atividades, bens e serviços culturais, e o acesso aos mesmos. (UNESCO, 2005)

Mas, “essas políticas devem ser elaboradas pensando em garantir à população o direito ao acesso e fruição dos bens culturais por meio de serviços públicos” (CANEDO, 2007) incentivando “a participação de todos na criação e nas esferas de decisões públicas sobre a cultura, por meio de conselho, fóruns deliberativos, garantindo uma política cultural distanciada dos padrões do clientelismo e da tutela” (CANEDO, 2007).

Então, a partir dessas premissas, entendemos políticas culturais como o conjunto de formulações ou intervenções, que têm implícita uma idéia de política e cultura e que são planejadas e implementadas por uma complexidade de atores tais como o Estado (Nacional, Provincial e Municipal), Organizações não governamentais (ONG), sociedade civil, organizações supranacionais (\_UNESCO\_), equipamentos culturais (de natureza pública ou não), instituições privadas, etc. Possuem objetivos, metas, visam a um público (implícito ou explícito), pressupõem a utilização de recursos humanos, financeiros, legais e não pode ser considerada uma ação intermitente.

Elucidado os conceitos de cultura, políticas públicas (de cultura) e políticas culturais, faz-se necessário entender como essas últimas se desenvolveram no Brasil, na Bahia e em Salvador através de um breve histórico. Assim poderemos compreender o papel do Teatro Vila Velha no cenário local e nacional e como são formuladas e executadas suas ações culturais.

## **2.1 POLÍTICAS CULTURAIS NO BRASIL**

A história das políticas culturais brasileira está atrelada a três eixos que Rubim denominou de tristes tradições: ausência, autoritarismo e instabilidade. O período colonial foi marcado pela perseguição a culturas não lusitanas, como a indígena e a africana, na censura e destruição de livros, entre outras medidas que caracterizaram o obscurantismo português. Com a Independência do Brasil, esta situação não mudou muito, “o Estado continuou dando pouca atenção à cultura” (RUBIM, 2007). Com o advento da República, a emergência de novas culturas urbanas, nascidas em favelas ou subúrbios, compõe uma sociedade brasileira mais complexa em que a modernização e a urbanização acelerada exigem que o Estado deixe de ser apenas o mecenas episódico (ALBUQUERQUE JR, 2007, p.68).

Foi com o Estado republicano que houve a necessidade de se politizar a cultura no sentido de legitimar as manifestações culturais nacionais. Assim, no primeiro governo Vargas (1930-1945), ocorreu a “construção de instituições voltadas para setores onde o Estado ainda não atuava” (CALABRE, 2005). Mas, foi no

período de 1945 a 1964 que ações indiretas do Estado e pelo grande desenvolvimento cultural na iniciativa privada puderam ser vistas.

Com o golpe militar e a implantação da ditadura no Brasil a cultura foi subjugada aos interesses militaristas, porém, foi um período em que “o Brasil conheceu políticas culturais mais sistemáticas” (RUBIM, 2007, p. 4). Neste período, bem como em outros momentos autoritários, houve “um desenvolvimento das indústrias culturais no país (...) com a criação de legislações e diversos organismos culturais, com destaque para a Fundação Nacional das Artes (FUNARTE)” (RUBIM, 2007, p. 4-5).

Com o fim da ditadura, em meados da década de 1980, “colocam-se para os novos governos democráticos os mesmos desafios de como gerir a cultura sem dirigir a cultura” (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 72). É criado o Ministério da Cultura, em 1985, desatrelando-o do Ministério da Educação, onde era mero coadjuvante. Esta criação parecia sinalizar uma mudança na gestão cultural do Brasil que se apresentou em forma de Lei de Incentivo, com a promulgação da Lei Sarney, em 1986. Na década de 1990, Collor acaba com as instituições culturais e com o Ministério da Cultura. Nos governos subseqüentes, a cultura foi levada para planos secundários, como ressaltou o ex-ministro Gilberto Gil, no discurso realizado no Fórum dos Dirigentes Estaduais de Cultura:

É preciso lembrar que, desde o Governo Collor, a estrutura do Ministério da Cultura definhou, perdendo capacidade política, técnica e gerencial. Desmantelado, o MinC abandonou sua função maior: a de formular e implementar uma política cultural para o país. Pela via dos incentivos fiscais, entregou essa tarefa aos departamentos de comunicação e marketing das empresas. Não se trata de menosprezar a ação empresarial no plano da Cultura, mas de chamar a atenção para o fato de o Ministério promoveu a sua impotência, abriu mão de seu sentido, decretou a sua agonia. (GIL, 2003<sup>10</sup>)

Uma mudança significativa e, até certo ponto radical, pode ser constatada no Governo Lula / Gil, quando o ex-ministro discursa sobre o papel que Ministério da Cultura deve desempenhar junto com os órgãos culturais do estado, município e

---

<sup>10</sup> Trecho retirado de <http://www.cultura.gov.br/site/2003/08/19/discurso-do-ministro-gilberto-gil-no-forum-dos-dirigentes-estaduais-de-cultura/>



Distrito Federal, ao abrir o diálogo com essas instituições para, assim, “engendrar uma política cultural pública mais democrática e inclusiva possível, articulada e levada a efeito por todas as esferas e por todos os níveis de governo – União, Estados e Municípios” (GIL, 2003).

O engajamento com a cultura, a idéia de participação pública em parceria com a sociedade em prol da criação de políticas públicas de cultura fica clara em outro trecho do mesmo discurso, em que Gil expõe sobre sua reflexão acerca do que foi e do que poderá vir a ser a função da Cultura no desenvolvimento do Brasil. Segundo ele, “esta tarefa de reflexão é concomitante a outra, que nos cabe articular e promover em especial: a construção de políticas e projetos culturais à altura da diversidade do povo e da identidade da nação brasileira” (GIL, 2003).

Desta forma, podemos perceber que esta mudança no modo da esfera federal pensar a cultura e na forma como devem ser formuladas as políticas públicas de cultura, mais democráticas e abrangentes, foi nítida, pois,

Uma política pública para a Cultura que contribua para a recuperação da dignidade nacional brasileira e para a construção de um Brasil socialmente mais equilibrado, mais justo, mais saudável – nação soberana no cenário internacional. Isto significa, entre outras coisas, que precisamos nos concentrar incansavelmente na busca por inclusão social – inclusão na Cultura e pela Cultura. Incluir na Cultura, de modo que todos tenham acesso à produção e à fruição dos bens e serviços simbólicos. Incluir pela Cultura, como atividade econômica geradora de emprego e renda. (GIL, 2003)

Essa mudança de postura em relação à cultura é refletida em um movimento mundial, no qual ocorreu uma série de eventos: a publicação da Carta Cultural Ibero-Americana em 2006, e da Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, em 2005 . Esse fenômeno aponta um deslocamento no modo de pensar cultura, que passa a ser um fator de desenvolvimento de uma nação.

## 2.2 POLÍTICAS CULTURAIS NA BAHIA

O primeiro registro de uma formulação direcionada à cultura na Bahia ocorreu no período de 1947 a 1951 no governo Otávio Mangabeira, no qual, Anísio Teixeira foi nomeado Secretário de Educação e criando um Departamento de Cultura. Esse departamento era responsável pelo apoio e patrocínio à produção em diversos segmentos culturais, a exemplo do cinema, da música, da literatura, entre outros. Essa gestão é importante “pois foi nesta administração que a Bahia teve sua primeira política de apoio à cultura” (MACIEL. 2006 p.7).

Os governos que o sucederam realizaram intervenções de caráter modernista, mas sem executar alguma ação no campo cultural mesmo com este prosperando. Quando ocorreu golpe militar de 1964, na gestão de Antônio Lomanto Júnior (1963-1966), os intelectuais baianos migraram para o sudeste, pro eixo Rio – São Paulo principalmente. Esse êxodo, consequência da “desarticulação do movimento cultural” (UCHÔA, 2006, p.5), no entanto, não foi seguido por alguns grupos artísticos baianos representantes de uma resistência que produziu as poucas e importantes ações culturais realizadas nesse período, com afirma Uchôa:

Com exceção de poucos focos de resistência representados principalmente pelo Teatro Vila Velha, Clube de Cinema da Bahia, Instituto Goethe de Salvador (ICBA) e pela Jornada de Cinema da Bahia, além dos movimentos negros, pouco se realizou culturalmente no estado neste período fora das ações controladas pelo governo (UCHÔA, 2006, p.5).

A gestão de Lomanto Júnior foi marcada pela, significativa, inauguração do Teatro Castro Alves<sup>11</sup>, em março de 1967. No governo seguinte, de Luis Vianna Filho (1967-1971) foi criado o Conselho Estadual de Cultura (CEC) cujo objetivo era desenvolver ações normativas e consultivas no campo cultural. Estas intervenções estaduais estavam embasadas pelo Plano de Governo proposto pelo então governador: 1) fortalecer as instituições existentes, independente de serem públicas ou privadas; 2) ampliar a atuação de órgãos ligados às áreas cultural, artística e

---

<sup>11</sup> “Atendendo uma antiga reivindicação da classe artística baiana, foi encaminhado à Assembléia Legislativa da Bahia o Projeto de Lei n.º 432 propondo a criação do Teatro Castro Alves em 2 de julho de 1948. A obra foi iniciada em 1957, (...) com inauguração prevista para o dia 14 de julho de 1958. Porém, cinco dias antes do grande evento, na madrugada do dia 09/07/58, o teatro sofreu um trágico incêndio, que destruiu toda a parte eletro-mecânica da maior e melhor casa de espetáculo do Brasil na época. (...)Depois de nove anos fechado, o TCA foi inaugurado no dia 4 de março de 1967 com alegria e comemorações redobradas. Presença do presidente Castelo Branco e do governador Lomanto Júnior.” Disponível em <http://www.tca.ba.gov.br/01/index.html>, último acesso 30/09/2008 às 14h20min.

intelectual, bem como 3) estimular a produção destas e 4) estender o uso dos veículos de educação e cultura.

Para viabilizar este Plano, foram criadas oito áreas de atuação, são elas: difusão cultural, atividades editoriais, teatro, dança, instituições culturais (estímulo e subvenção à instituições culturais do estado), música, museus e patrimônio artístico e artes plásticas. (UCHÔA, 2006, p.6). As principais medidas realizadas neste período foram à construção do novo prédio da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, a realização da I Bienal de Arte da Bahia em 1966 (a segunda edição foi suspensa pelo AI-5 e a terceira não chegou a acontecer) e a criação da Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural para preservar o patrimônio cultural baiano.

Essa fundação, que era conhecida, informalmente, como Fundação Pelourinho, tinha a finalidade de restaurar o Pelourinho, abandonado pelo deslocamento do centro administrativo da cidade, dessa forma, “a proposta da Fundação do Pelourinho era revitalizar o Centro Histórico da cidade através da “recuperação” arquitetônica e social da região” (UCHÔA, 2006, p. 8). Mas, até o final da década de 1980, os trabalhos realizados eram referentes à restauração física das edificações; salvo, a única ação social implementada, o Plano de Desenvolvimento da Comunidade do Maciel (nome dado ao Pelourinho quando entrou em decadência).

Durante o primeiro governo de Antônio Carlos Magalhães, 1971-1975, foi criada a Fundação Cultural do Estado da Bahia (FCEBA) em 1974, dois anos após ser instituída, cuja meta era promover, difundir e proteger a cultura do estado. A Fundação exercia suas ações através de um Conselho Deliberativo e uma Diretoria Executiva e posteriormente, com a incorporação das “bibliotecas, os museus (Museu de Arte da Bahia (MAB) e Museu de Arte Moderna (MAM), o Museu de Arte Popular era apenas uma referência) e o Teatro Castro Alves” (UCHÔA, 2006, p. 10), ficou responsáveis por esses equipamentos culturais. Até então, o estado contava com apenas três instituições culturais, O Conselho Estadual de Cultura, a Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural e a Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Na gestão de Roberto Santos, entre 1975 – 1979 houve uma alteração no regimento interno do Conselho Estadual de Cultura. O CEC passou a desenvolver ações na estrutura organizacional, através do Serviço de Difusão Cultural e das Coordenadorias de Bibliotecas, Imagem e Som, Museus e Música e Artes Cênicas. De 1979 a 1982, no segundo mandato de Antônio Carlos Magalhães, medidas culturais adotadas eram voltadas para, como define Uchôa (2006,p.13) “valorização da identidade cultural baiana”, essa idéia de política cultural permeou durante todo o período do carlismo na Bahia.

De 1983 a 1986 – governo de João Durval Carneiro – as ações realizadas se resumiram a programas (subprogramas) e projetos que culminaram na criação de comissões especiais e construções de centros culturais no interior do estado. O mandato de Waldir Pires (1987-1991) foi marcado pela renúncia do governo estadual para concorrer às eleições presidenciais como vice-presidente pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). No seu lugar, assumiu em 1990 o vice-governador, Nilo Coelho, essa mudança de gestão acarretou numa descontinuidade das políticas (principalmente na área cultural) e nas instituições criadas.

No ano seguinte, Antônio Carlos Magalhães retornou ao governo estadual, pela terceira vez, inaugurando um modelo de gestão que perduraria até 2005. Este modelo tinha como base à idéia de baianidade<sup>12</sup> e foi caracterizado pelo privilégio dado ao turismo em detrimento da cultura. As ações mais expressivas ligadas à área cultural foram às reformas do TCA e a do Centro Histórico. Em 1995, Paulo Souto é eleito governador, deixando o cargo em 1998 para concorrer ao senado, no lugar, assumiu César Borges (vice-governador).

As duas administrações ficaram marcadas pela mercantilização e submissão da cultura ao turismo. As intervenções culturais feitas nesse período tinham como foco central as Leis de Incentivo – Fazcultura, reformas físicas dos centros culturais

---

<sup>12</sup>(...) “O imaginário de baianidade é construído a partir da representação da Bahia como a terra da felicidade, festa, sol eterno, calor, praia, carnaval, axé music, tolerância racial, cultural e religiosa, etc. O termo baianidade pretende uma unidade de produção cultural, práticas cotidianas, “posturas” ou “estilo” do povo baiano, com características não são encontradas na maior parte do estado, antes, são restritas a Salvador e ao Recôncavo”. (FERNANDES e NOVA, 2006, p.03)

pelo interior do estado, do complexo da Biblioteca Central em Salvador, implementação de alguns programas culturais como a segunda fase dos Salões Regionais de Artes Plásticas e Chapéu de Palha (que foi criado em 1983) e a inauguração da Escola de Dança da Fundação Cultural da Bahia (FUNCEB).

O retorno de Paulo Souto ao governo estadual aconteceu no período do ano 2003 a 2006. O mandato foi caracterizado pela continuidade da cultura como fator de diferencial econômico submisso ao turismo e pela idéia de baianidade. Algumas ações isoladas foram realizadas nesta gestão como mudanças nas diretrizes das instituições estaduais de cultura: Fundação Pedro Calmon, passou a ser responsável pela memória e arquivo de documentos públicos, a execução da sétima etapa de reforma do Centro Histórico e a continuidade de projetos iniciados na gestão anterior.

Com um discurso que pregava a democratização, baianidade, cultura para todos e “aliando conceitos sobre democracia, identidade e diversidade locais com ações de financiamento da produção a partir de leis de incentivo e intervenções governamentais na preservação dos patrimônios material e imaterial” (KAUARK, 2006, p.2). Mesmo mantendo alguns projetos, as políticas culturais adotadas durante este período, o que se percebe é uma completa falta de priorização do campo da cultura, colocando-a em segundo plano, submetendo-a a outras esferas como o turismo.

Durante mais de dez anos a cultura foi subjugada, com a ascensão de Wagner ao poder, alinhando o estado com a esfera federal, as diretrizes e políticas adotadas pela Secretaria de Cultura sofrem mudanças radicais. A primeira que chama atenção é a nomeação de um artista de renome, Marcio Meireles, cuja história artística está embriada a um dos mais importantes equipamentos culturais da cidade, o Teatro Vila Velha, como Secretário de Cultura (seguindo uma lógica federal ao nomear Gilberto Gil ministro da Cultura).

A segunda modificação e a mais importante, ocorreu na percepção de cultura por parte do estado, na qual, esta passou a ser a força motriz das políticas públicas de cultura:

A ampliação da idéia de cultura, que deve ser entendida como toda a produção simbólica de um povo, é o primeiro passo para um trabalho fundamental da nova equipe: a demonstração dos diversos aspectos da cultura e seus respectivos potenciais, como a capacidade de geração de renda e emprego, de qualificação das relações sociais, preservação ambiental, redução da violência, auto-estima, inclusão social, soberania, de prazer e conquista de felicidade. (SECULT, 2006)

A definição de cinco diretrizes de ação – diversidade, diálogo e transparência, democracia, descentralização e desenvolvimento – para orientar as atividades culturais durante o governo. Atividades essas que tem a finalidade de auxiliar na formulação e execução das políticas culturais desenvolvidas pelo estado, conforme está descrito na missão da secretaria:

Formular e implementar, de forma articulada com a sociedade, políticas públicas que expressem a centralidade da cultura na transformação e no desenvolvimento social e valorizem a diversidade cultural da Bahia, nas suas dimensões territorial, simbólica, econômica e de cidadania. (SECULT, 2006)

Com esse novo modelo de gestão pública que enfatiza a importância da cultura na formação da sociedade, a Bahia entra numa nova era de desenvolvimento cultural. Um tempo em que as políticas culturais são fomentadas e realizadas para gerarem resultados e não serem resultantes de uma política atrelada à economia e ou ao turismo. A mudança de percepção do conceito cultura significa que o campo da cultura detém relativa autonomia em relação às áreas da educação, do turismo e da economia. Apesar de essas áreas estarem co-relacionadas, a cultura deixa de ser submissa a estas, permitindo que a ação governamental seja mais incisiva, criando políticas públicas de cultura e políticas culturais capazes de minimizar os efeitos de anos de descaso.

## 2.3 POLÍTICAS CULTURAIS EM SALVADOR

Na Ditadura Militar os alguns prefeitos foram indicados pelos governadores. Foi assim que começou a primeira gestão de Mário Kertész, pela indicação do governador Antônio Carlos Magalhães, durante o período de 1979 a 1981. A gestão de Kertész foi marcada por poucas ações no campo cultural, exceto pela criação da

Fundação Gregório de Matos (FMG) e “pelo esvaziamento dos órgãos de planejamento da prefeitura, que tiveram suas funções convertidas para uma Secretaria Extraordinária de Programas Especiais” (ALBINATI e KÖOP, 2005, p.5).

Na esfera municipal, continuou com o mesmo discurso da cultura submissa ao turismo, predominante na esfera estadual, com a criação da Empresa Baiana de Turismo S/A (EMTRUSA), cuja finalidade acabou por abranger a área cultural. Houve a implantação de outras instituições municipais: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico SEMDE, o Conselho Municipal de Turismo COMTUR, a Coordenação de Produções Artísticas.

O prefeito seguinte, Fernando José deu continuidade ao descaso na criação de políticas culturais da gestão anterior. Com a eleição de Lídice da Mata para prefeita, a continuação dos governos anticarlistas teve prosseguimento. Seu mandato de foi marcado pela atuação parca da FMG. Apesar disso, houve tentativas, sem sucesso, de transformar em ações culturais os diálogos mantidos com a classe artística e com os produtores culturais. Os projetos implantados pela fundação tinham como foco as festas populares e datas comemorativas. Alguns projetos não ligados a esta vertente cultural obtiveram destaque, como ressaltam Silva e Alcântara (2005, p.17),

(...) foram também realizadas oficinas e dado apoio a pequenas atividades nos bairros populares, planos de recuperação e revitalização de espaços urbanos e históricos, e apoio à realização de eventos culturais em geral (exposições plásticas e fotográficas, lançamentos de livros etc). (SILVA E ALCÂNTARA, 2005, p.17)

Sob o ponto de vista dessas autoras, a gestão de Lídice da Mata foi pontual e inovadora, na qual articulava as ações do campo cultural com outros órgãos da prefeitura. Essas articulações não funcionaram, acabou a FMG esvaindo suas atribuições para outros órgãos ao invés de usá-los como parceiros, complemento.

No mandato seguinte, o carlismo volta ao poder na esfera municipal e estadual com a eleição de Antônio Imbassahy para prefeito com dois mandatos seguidos, de 1997 a 2004. A primeira gestão foi caracterizada pelo descaso com o órgão responsável por formular e concretizar projetos e políticas de cultura, a FMG,

havendo dois projetos de destaque apenas: o Selo Editorial e o Cinema na Praça. A Fundação, nesse contexto, teve como única prioridade reformar e recuperar os equipamentos culturais que estavam sob sua responsabilidade.

No segundo mandato, foram reabertos o Teatro Gregório de Matos e o Museu da Cidade, três instituições ligadas a FMG são instaladas em prédios do Centro Histórico: a Casa do Benin, o Restaurante e a Casa do Representante (KAUARK, 2005, p.14), continuidade dos dois projetos existentes na gestão anteriores e a implantação de novos, como EnCena Salvador, o Selo Editorial da FGM e o Operação Verão (KAUARK, 2005, p.16) e a revogação da Lei Alfaya.

No primeiro mandato de João Henrique Carneiro, 2005 a 2008, a FMG se destacou pela mudança de postura política em relação à cultura. Estipulou diretrizes de fomento à cultura que estão alicerçadas no diálogo com a população e a participação da mesma, na criação da Lei de Incentivo à Cultura, do Fundo de Cultura, nos projetos do Arquivo Histórico Municipal e da Rede de Monumentos e Sítios Históricos da Cidade, conforme consta no site da FMG:

“Um olhar de síntese estabelece pelo menos cinco grandes avenidas de trabalho, que aí estão a exigir respostas criativas, financiamento e avanços concretos:

- 1) Participação popular,
- 2) Cotidiano das Artes,
- 3) Valorização da Memória,
- 4) Intercâmbio cultural,
- 5) Fórum permanente – diálogo com a sociedade sobre objetivos da gestão e políticas culturais”. (FMG, 2008)

É dessa forma que Salvador começa a escrever uma nova história no que tange as políticas culturais, através do dialogo aberto com a sociedade (marca presente na gestão atual) e com a verticalização dos três poderes (municipal, estadual e federal) em 2002.



### 3 POLÍTICAS CULTURAIS DO TEATRO VILA VELHA

As políticas culturais do Teatro Vila Velha identificadas como as ações voltadas para promoção e diversidade da cultura e que serão analisadas a partir de agora, compreendem as produções dos grupos residentes, as oficinas e os projetos, ou seja, as linhas de ações praticadas no teatro. Essas políticas culturais são representadas e ilustradas pelo sistema cultural acionado na formulação e implementação das mesmas e que são regidas por diversos fatores de igual importância.

#### 3.1 POLÍTICAS ACIONADAS

As políticas acionadas pelo Vila são ilustradas pelas políticas públicas de cultura, através de programas governamentais como o Ponto de Cultura. O Ponto de Cultura é uma ação do Programa Cultura Viva. É desenvolvido a partir da iniciativa da sociedade civil, “que firmaram convênio com o Ministério da Cultura (MinC), por meio de seleção por editais públicos, tornam-se Ponto de Cultura e fica responsável por **articular e impulsionar as ações que já existem** nas comunidades”<sup>13</sup>.

O Vila é um dos 650 Pontos de Cultura<sup>14</sup> que existem no Brasil, e como todos os outros, participou da seleção do edital, que já se somam quatro. Nesse convênio firmado com o Ministério da Cultura, o Vila apresentou um projeto que foi contemplado com a quantia de R\$185 mil reais divididos em quatro parcelas sendo que a primeira no valor R\$20 mil foi destinada a compra de equipamentos multimídia, computadores, etc.

---

<sup>13</sup> Informação retirada do site:

[http://www.cultura.gov.br/programas\\_e\\_acoes/programa\\_cultura\\_viva/pontos\\_de\\_cultura/index.php](http://www.cultura.gov.br/programas_e_acoes/programa_cultura_viva/pontos_de_cultura/index.php), último acesso 03/11/2008 às 04h41 min.

<sup>14</sup> Informação retirada do site:

[http://www.cultura.gov.br/programas\\_e\\_acoes/programa\\_cultura\\_viva/pontos\\_de\\_cultura/index.php](http://www.cultura.gov.br/programas_e_acoes/programa_cultura_viva/pontos_de_cultura/index.php), último acesso 03/11/2008 às 04h46 min.

## 3.2 NOÇÃO INTERNA DE CULTURA

O conceito de cultura, grosso modo, entendido como toda e qualquer produção realizada pelo homem com intuito de, de alguma forma, intervir na sociedade, seja através da fruição ou do consumo de bens culturais é delineado nas ações do Vila.. Mas a partir do momento em que o teatro aparece como um ator da cultura local, que visa abarcar quase todos os segmentos culturais, se apropriando de diversas linguagens, buscando trazer algo inovador, esse conceito se restringe. Pois, no Vila, sempre houve e há uma necessidade em pensar a arte, em refletir aquilo que se quer transmitir a sociedade.

Destarte, cultura, de forma mais restrita, é entendida como um conjunto de elementos de natureza psicológica, social, espiritual etc, que determina as atividades realizadas pelo ser humano. Atividades correspondentes a produção de bens culturais literários, musicais, visuais, entre outras, e que alcance além dessas atividades tradicionais, penetrando no comportamento, no consumo, etc, refletindo, assim, o *modus vivendi* de uma sociedade, povo ou nação.

## 3.3 LINHAS DE AÇÃO

### 3.3.1 Projetos e Oficinas

As linhas de ações do Vila são as diretrizes culturais que abarcam as atividades desenvolvidas no equipamento. Essas ações representam a execução dos objetivos presentes no estatuto do Sol – Movimento da Cena e as finalidades da ONG. Estão divididas em cinco vertentes: formação, apoio, intercâmbio, apresentação de espetáculos e memória.

A dois tipos de formação pretendida: a de platéia e a de profissionais. A primeira é subsidiada diretamente pela implementação de um programa de formação de platéia com em comunidades, e indiretamente pela política de preço dos ingressos. Enquanto que a segunda é contemplada por meio de oficinas de formação e reciclagem de profissionais, ministradas pelos grupos.

O apoio é voltado para dois alvos: novos artistas e novas dramaturgias. O suporte dado a novos artistas acontece através de cursos de formação e reciclagem, com a participação como estagiário ou ouvinte das montagens dos grupos residentes e apoiando produções com o mesmo tratamento recebido pelos grupos residentes para a montagem no projeto O que cabe neste palco. Já o apoio as novas dramaturgias é feito a partir de oficinas, leituras, palestras, publicações, bem como, está presente no repertório dos grupos residentes ou de artistas apoiados pelo teatro.

O intercâmbio pode ser efetuado de três modos: com artistas locais, nacionais e internacionais; com o subúrbio da cidade e com o interior do estado, ocorrem através de oficinas, projetos e montagens. As apresentações de espetáculos podem ser feitas pelos grupos residentes, artistas ou grupos apoiados pelo teatro e grupos de fora, através da cessão da pauta. Por fim, a memória é resultante da organização de todo o acervo histórico em audiovisual, iconográfico e documental. Acontece também através do registro das atividades em curso.

As linhas de ação voltadas para manutenção do equipamento cultural: as políticas de preço dos ingressos e promoções e a cessão de pauta. Apesar de possuírem o mesmo objetivo, quem as define não são os mesmos atores culturais. No primeiro caso, há dois atores atuando ao mesmo tempo, um que age diretamente sobre o valor dos ingressos – as produções dos espetáculos, e outro - os gestores – que os torna acessível a partir de promoções criadas para atrair públicos. Já no segundo e terceiro caso, os gestores do teatro quem as define e que as regulamenta através do documento “Aluguel de Pauta” em que estão descritas todas as condições de cessão dos espaços e do Estatuto da ONG Sol Movimento da Cena.

### *3.3.2 Preço dos Ingressos e promoções*

As formas de definição do preço dos ingressos e os modos como serão vendidos são definidos por dois atores diferentes: os grupos residentes decidem qual preço cobrar pela entrada de cada espetáculo e o Vila oferece oportunidades de acesso que facilitam a aquisição desses ingressos. No primeiro caso, os valores variam, enquanto que no segundo caso, é um acesso fixado por promoções.

Os grupos residentes definem os preços dos ingressos levando em consideração fatores como quais eventos culturais estão acontecendo em Salvador, o valor arrecadado na captação de recursos do projeto ou até mesmo através de um diálogo com o teatro, no intuito de atender as necessidades de ambos os lados. O que percebemos é que não há um padrão definido entre dois grupos residentes dos três pesquisados, por exemplo, no Bando de Teatro Olodum, é observado o cenário cultural da cidade e aplicado o menor valor de ingresso, o que gira em torno de R\$20,00 a inteira e R\$10,00 a meia-entrada.

A Outra Companhia de Teatro tem em média o mesmo valor do Bando – R\$20,00 inteira e R\$10,00 meia-entrada – porém, a forma como se chega a esse valor ideal é diferente. Há um diálogo aberto entre os gestores, a ONG Sol Movimento da Cena e a equipe de direção, para assumir o preço mais acessível. Entretanto, na Companhia Novos Novos, existe um padrão de definição de preço: se o projeto for financiado através de leis de incentivo ou patrocínio, o preço torna-se mais acessível para que assim, o grupo possa investir na formação de platéia.

Já as promoções, que são definidas pela administração do equipamento, consistem em formas de atrair público e ao mesmo tempo fidelizá-lo. Essas promoções são: o Passaporte do Vila, a Promoção do Canhoto, o Desconto de Categoria e o desconto para Grupos comunitários e instituições de ensino.

O passaporte do Vila tem o custo de R\$ 40,00, dando direito a cinco ingressos para qualquer espetáculo da programação do Vila e tem validade anual. Já Promoção do Canhoto, ao adquirir um ingresso e guardar o canhoto, este serve como passaporte para meia-entrada no período de uma semana. Assim, “o canhoto do Vila dá direito à meia entrada no Circuito Sala de Arte e o canhoto da Sala de Arte dá direito a meia entrada no Vila”<sup>15</sup>.

Os descontos individuais são para os artistas que possuem a carteira do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Diversões do Estado da Bahia - SATED-BA, professores, estudantes, idosos (acima de 60 anos) e menores de 18 anos são

---

<sup>15</sup> Informação retirada do site: <http://www.teatrovilavelha.com.br/programacao/programacao.htm>, último acesso, 01/11/2008 às 02h41min.

beneficiados pela meia-entrada. Enquanto que os descontos coletivos são para grupos comunitários e instituições de ensino, que acarretam na vinda de um número maior e condensado de indivíduos. O valor não pré-fixado como no individual, necessita de uma negociação com a administração do Vila.

Ao receber comunidades em suas visitas agendadas, o Vila está promovendo não só o espaço, mas também a cultura, ensinando o valor da arte e a importância de se ir ao teatro, ou seja, de ser uma platéia ativa e que tenha uma vida cultural assídua. Com a meia entrada, essa vida cultural se torna mais abrangente, no sentido de não privilegiar apenas estudantes e idosos, incentiva também a própria classe, além de comunidades carentes. Toda uma sociedade é beneficiada e convidada a fruir junto com os artistas que estão no palco.

### *3.3.3 Cessão de Pauta*

Quando se trata da cessão de pauta do Palco Principal e do Cabaré dos Novos há custos fixados para cada tipo de produção ou espetáculo. Os serviços e recursos disponíveis, que em alguns tipos de produção são iguais, estão inclusos no contrato, porém, a utilização dos eletrodomésticos (geladeira, fogões, entre outros) não estão inclusos. Além do aluguel de pauta, o TVV aluga equipamentos não inclusos no contrato de locação do espaço e que só podem ser utilizados nas dependências do teatro. Como é o caso do Linóleo Rosco dupla face que custa R\$50 e o projetor R\$200 por dia. Os equipamentos de sonorização não possuem valores definidos.

A pauta do Palco Principal para realização de eventos e espetáculos sem cobrança de ingresso é de R\$2.000 e R\$1.500<sup>16</sup> respectivamente. O TVV disponibiliza equipamento completo de sonorização e iluminação com técnico para montagem, auxiliar de cenotecnia (com apoio para montagem), serviços de portaria e limpeza e ar condicionado. Os eventos e espetáculos que possuem nos contratos o valor da pauta com o acréscimo de 25% da bilheteria incluem produções infantis, diárias e espetáculos sem cobrança de ingresso. Os custos variam de R\$600 a

---

<sup>16</sup> Informações completas sobre o aluguel de pauta em anexo.

R\$1.000. O teatro disponibiliza os equipamentos de sonorização básicos, iluminação (com técnico), auxiliar de cenotecnia, serviços de limpeza e portaria e ar condicionado. No caso do aluguel para palestras e filmagens, o valor cobrado é de R\$700 e R\$2.000 respectivamente pelo período de quatro horas.

No Cabaré dos Novos a estrutura disponível também varia conforme a produção ou espetáculo. Para o aluguel de eventos com espetáculo, o custo é de R\$1.000 e para espetáculos sem cobrança é R\$500 por uma única apresentação. Os recursos, materiais e humano, inclusos são som mecânico, iluminação com técnico, auxiliar de cenotecnia, serviço de limpeza e portaria e ar condicionado. Já o aluguel do espaço para filmagens custa R\$1.000 – com pagamento de multa de R\$500 por hora excedente - e a diária R\$500 por quatro horas. Os espetáculos com cobrança de ingresso, a pauta vale R\$300 mais 25% da bilheteria. Os recursos disponíveis são iguais aos das produções com os mesmos critérios do aluguel de pauta do Palco Principal

### 3.4 OBJETIVOS E METAS

O Vila, desde sua idealização e fundação, semeia um objetivo, uma meta, que está verbalizado na sua missão. A missão do Vila é “fomentar a criação artística, coletiva e inovadora, comprometida com a reflexão e o respeito à diversidade”<sup>17</sup>. Esses objetivos são denominados pela ONG Sol Movimento da Cena, no estatuto que regulamenta a organização, como finalidades e possui um capítulo a parte no estatuto que rege o funcionamento do teatro.

Assim, destacamos como principais metas e objetivos do Vila:

- I. A promoção do desenvolvimento educacional e cultural do cidadão através do aprimoramento e da valorização desses dois campos;

---

<sup>17</sup> Trecho retirado do site: <http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/teatro.htm>, último acesso em 03/11/2008 às 12h50min.

- II. Sistematizar elementos culturais locais para, assim, criar bens artísticos;
- III. Formação de platéia, através de intercambio e convênios com grupos, escolas e instituições (públicas e privadas);
- IV. Formar profissionais capacitados na área artística, como atores e técnicos, por exemplo; e
- V. Promover e apoiar manifestações populares, comunitárias.

Os grupos residentes também possuem objetivos e metas, segundo Débora Landim, a Cia. Novos Novos tem como objetivo formar uma companhia que tenha como membros crianças e adolescentes de diferentes realidades sociais e construir, junto com elas, um núcleo de profissionais para dar suporte artístico. Enquanto que para o Bando, o objetivo do grupo é desenvolver uma linguagem e uma dramaturgia que mostre o negro brasileiro.

Dessa forma, podemos perceber que através dos grupos os objetivos e metas do Vila podem ser verificadas, pois eles representam um elo de comunicação entre a sociedade e o equipamento. As linhas de ações também ilustram e corroboram essas metas, uma vez que promovem oficinas, projetos e intercâmbios voltados para concretização disso. Enfim, podemos afirmar que os objetivos e metas são específicos e fundamentais para o desenvolvimento das políticas culturais do Vila.

### 3.5 ATORES CULTURAIS

#### **3.5.1 ONG Sol Movimento da Cena e a direção do teatro**

A ONG Sol Movimento da Cena foi criada em 1994 com o intuito de gerenciar o Teatro Vila Velha. É a ONG que desenvolve ações administrativas e culturais, as primeiras estão ligadas a manutenção e conservação da estrutura física, organiza as oficinas, responde pelas vendas dos ingressos e disponibiliza os aparatos técnicos e os profissionais para manuseá-los. Enquanto que as segundas, dizem respeito aos projetos institucionais, memória e conservação do acervo. Os membros não recebem remuneração, exceto aqueles que exercem alguma função no teatro.

As eleições são feitas a cada três anos, nelas todos os membros tem o direito de votar e ser votado, são eleitos para exercerem as funções de presidência, vice-presidência, tesouraria e secretário(a). Nesse ano, foi realizada uma eleição em que Vinício Oliveira, coordenador do grupo A Outra Companhia de Teatro e Gordo Neto, coordenador do Vilavox, foram eleitos presidente e vice, respectivamente. A função deles, junto com os outros membros que compõem a diretoria é:

- a) Cumprir e fazer cumprir as disposições deste estatuto e deliberações da Assembléia;
- b) Reunir-se ordinariamente, uma vez por mês, extraordinariamente quando necessário;
- c) Dar conhecimento aos associados através de Edital afixado em local visível, o Balanço Anual da entidade;
- d) Receber por inventário, que constará a data da posse os bens e fundos da entidade, pelos quais ficará solidariamente responsável;
- e) Aplicar as associados infratores, as penalidades previstas no estatuto;
- f) Encaminhar anualmente para aprovação da assembléia, as contas referentes ao exercício findo, devidamente acompanhados do parecer do conselho Fiscal, apresentando relatório dos fatos ocorridos durante sua gestão;
- g) Promover as medidas necessárias ao bom funcionamento da entidade e a melhoria das condições dos seus membros; (REFORMA DO ESTATUTO, 2006, p.6)

A ONG realiza uma gestão democrática, aberta ao diálogo e que tem por finalidade servir aos interesses dos grupos residentes (que não possuem autonomia para interferir na gestão). Dessa forma, podemos destacar a ONG como principal ator das políticas culturais, é através da sua gestão e administração que são traçadas e direcionadas a ações, ou seja, as políticas culturais desenvolvidas pelos grupos residentes e pelo teatro.

### **3.5.2 Grupos Residentes**

Os grupos residentes aparecem como atores das políticas culturais, uma vez que, são eles quem implementam as políticas culturais junto a seus coordenadores, que são integrantes da ONG Sol Movimento da Cena. Desse ponto de vista, podem ser considerados um ator cultural ao mesmo tempo quem representam uma ação.



Pois são os responsáveis por cada grupo que estão presentes nas reuniões ordinárias, debatendo e analisando questões ligadas as ações culturais e administrativas do teatro. Mesmo que nestas últimas, sua participação seja ínfima, apenas opinativa.

Dentre as atribuições que os grupos residentes possuem, está o de produzir projetos culturais. Cada grupo tem sua maneira de elaborar um projeto, Débora Landim afirma que na Cia. Novos Novos, os projetos são elaborados, na prática pela coordenadora, a partir da definição de um tema, da pesquisa sobre este e da necessidade de agregação de novos membros através de oficinas. No Bando de Teatro Olodum, a coordenadora Chica Carelli quem faz os projetos com a ajuda dos colaboradores, dialogando com os membros do grupo, mesmo assim, a palavra final é do diretor. Enquanto que, A Outra Companhia de teatro, encontra em Vinício Oliveira (coordenador) seu proponente de projetos.

As montagens desses espetáculos são feitas de maneiras diferentes pelos grupos, não seguem um padrão do tipo criação do roteiro, montagem, ensaio, apresentação. Na Cia. Novos Novos, a etapa de criação é resultado da vivencia e da pesquisa de um tema, no Bando existem duas grandes vertentes de montagem dos projetos: ou se utiliza um roteiro pronto, ou se cria uma proposta e desenvolve-se em cima deste. Já, A Outra Companhia de Teatro ou a criação e montagem são executadas simultaneamente, ou segue uma padrão: formata, escreve, capta e monta.

Um ponto comum observado durante as entrevistas é que as dificuldades enfrentadas para ampliar o campo de atuação são peculiares e diferentes entre os grupos. A falta de recursos humanos, pois não há como se manter do trabalho desenvolvido no grupo, havendo uma necessidade de buscar trabalho fora, desvia o foco de atenção e dedicação total aos projetos. A carência de apoio / parcerias com instituições que desenvolvam atividades parecidas e na captação de recursos são outros aspectos que mostram as dificuldades que existem mesmo com toda a estrutura física e administrativa oferecida pelo Vila.

A autonomia que os grupos têm é para criar e executar os projetos, oficinas e utilizar as dependências do Vila, desse modo, não interfere na gestão do teatro. Os espaços de diálogo com os outros grupos ocorrem apenas em reuniões ordinárias, visto que, os grupos se fortaleceram, ganharam vida própria e muito trabalho, não havendo tempo e disponibilidade de interação e integração. Essa falta de cooperação entre os grupos foi outra questão levantada nas entrevistas, já que os momentos em que ocorreram parcerias entre os grupos tiveram como resultado grandes espetáculos.

Enfim, os grupos residentes tem papel fundamental na execução das atividades e ações culturais desenvolvidas. Mesmo que essas práticas possuam determinada autonomia, os grupos estão subordinados a diretrizes e regras, traduzidas em seus direitos e deveres, e que estão fundamentadas na legislação vigente no teatro (tópico que será trabalhado mais a frente). Assim, sua função, importante e fundamental, limita-se a execução, apesar de seus coordenadores desenvolverem outras atividades dentro do TVV que incidem diretamente sobre os grupos.

### 3.6 OS PÚBLICOS DO VILA

Durante os anos de 2005 a 2007, foi realizada no Vila Velha, uma pesquisa de público desenvolvida pelo grupo de pesquisa Equipamentos Culturais de Salvador: *públicos, políticas e mercados* resultou em uma monografia, Os Públicos do teatro Vila Velha, cujo objetivo era definir esses públicos. Essa definição foi obtida através de uma pesquisa qualitativa de dados, na qual foram verificadas variantes referentes às práticas culturais, características pessoais e sobre o equipamento.

Essa pesquisa qualitativa foi dividida em duas partes, a primeira em que é aplicada a estatística descritiva: coleta, organização, descrição, cálculo dos dados e interpretação dos coeficientes encontrados. E a segunda, a estatística indutiva, em que é feita a análise e a interpretação dos dados, associados a uma margem de

incerteza<sup>18</sup>. Dentro dessas duas partes foram definidas aplicadas em seis etapas distintas<sup>19</sup>:

- a) Definição do problema: esboçar um perfil dos públicos do Vila Velha;
- b) Planejamento: elaboração da metodologia, criação do questionário, do roteiro de entrevista e teste piloto.
- c) Coleta de dados: pesquisa realizada em espetáculos dos seis grupos residentes, totalizando 643 pessoas entrevistadas entre adultos, crianças e adolescentes.
- d) Apuração dos dados: fase na qual foram arrumados os dados obtidos nas entrevistas.
- e) Apresentação dos dados: através de gráficos; e
- f) Análise e interpretação dos dados: descrição o fenômeno encontrado, ou seja, do perfil dos públicos do Vila.

Dessa forma, a partir deste método quantitativo de pesquisa, analisou-se os públicos de cada espetáculo separadamente, para depois aferir uma caracterização mais ampla. Desta caracterização mais ampla, se constatou que os públicos do Vila vêm de quinze regiões administrativas de Salvador, a cidade possui 17 regiões, ou seja, aproximadamente 88% das regiões, o que significa dizer, que os frequentadores do teatro vem de quase todos os bairros da cidade.

Quanto à questão etária, racial e da escolaridade, percebeu-se que os públicos são compostos em sua maioria por jovens, pardos e escolarizados. Mas o ponto mais interessante foi referente às práticas culturais desses públicos, ao contrário do que se imaginava, eles possuem uma vida cultural ligada a praticas que podem ser efetuadas em casa, como acessar a internet, ler livros, assistir televisão e filmes. Em outras palavras, segundo Rattes, os públicos do Vila são descritos como:

Jovem, escolarizado, leitor, pagante de meia-entrada, motivado pela programação, impedido pela falta de tempo, assíduo ao escurinho do cinema, são estas as principais características do público do Teatro Vila Velha. Destaca-se, também, o percentual aproximado de pessoas que se declaram pardas, pretas e brancas; e o intenso consumo doméstico, constatado tanto pelo habito de assistir filmes em casa quanto pelo fato de a maioria absoluta dos entrevistados

---

<sup>18</sup> BARROSO, João. **Estatística Aplicada - Roteiro de Leitura Básico para Acompanhamento da Disciplina**. Salvador, FSBA: 2005, p 4-7.

<sup>19</sup> BARROSO, João. **Estatística Aplicada - Roteiro de Leitura Básico para Acompanhamento da Disciplina**. Salvador, FSBA: 2005, p 4-7.

possuir aparelho de DVD ou cassete. Nesse sentido, destaca-se ainda que, entre as oito atividades mais citadas no que se refere ao que preferem fazer nas horas de lazer, cinco são ou podem ser realizadas em casa, como é o caso de ler livros, ouvir música, assistir filmes, assistir televisão e acessar a internet. Sobre a localização domiciliar, verificou-se que o Teatro recebeu, durante o período da pesquisa, pessoas oriundas de 15 das 17 regiões administrativas da cidade, ou seja, o Teatro Vila Velha atrai público de quase todos os cantos de Salvador. (RATTES, 2007, p.71)

Entretanto, quando se trata da caracterização mais restrita, se traçarmos um paralelo com os perfis específicos de cada grupo, encontrados por Rattes, percebemos que alguns aspectos caracterizantes desses públicos são levantados pelos coordenadores, mesmo que de forma incipiente. Por exemplo, para Débora Landim, coordenadora do grupo residente Companhia Novos Novos, os públicos do seu grupo são formados por “crianças, 3 a 12 anos, adolescentes, 13 a 18 anos, adultos 20 a 60 anos, classe média e baixa”<sup>20</sup>.

Enquanto que na pesquisa realizada no Vila, para traçar o perfil dos públicos do grupo residente a Companhia Novos Novos, fez-se necessário alterar o questionário para adaptar-se ao público alvo. Constatando-se que o perfil infanto-juvenil é composto por crianças e adolescentes, de escolas privadas, provenientes de famílias de alto poder aquisitivo, que têm na televisão e na internet suas formas de lazer e nos pais os maiores incentivadores das práticas culturais.

Já para Chica Carelli, os públicos do Bando de Teatro Olodum, são compostos de “60% a 80% de negros, variando de baixa renda a profissionais liberais, estudantes e um percentual pequeno de estrangeiros”<sup>21</sup>. Enquanto que na pesquisa, constatou-se que os públicos do Bando de Teatro Olodum são caracterizados por homens, negros ou pardos, estudantes, pagantes de meia-entrada, que utilizam o ônibus como meio de transporte, são freqüentadores assíduos dos espetáculos e vão ao Vila pela programação.

E, por fim, para Vinício Oliveira, coordenador do grupo A Outra Companhia de Teatro, grupo relativamente novo, os públicos ainda estão em formação. Entretanto, os públicos da A Outra Companhia de Teatro são formados por negros e pardos,

---

<sup>20</sup> Maiores informações vide a entrevista completa em anexo.

<sup>21</sup> Maiores informações vide a entrevista completa em anexo.

assim como no Bando de Teatro Olodum, estudantes universitários, que preferem ir ao teatro nos finais de semana, no horário das 20h, gostam de ler, ir ao cinema e têm na falta de tempo o grande impedimento para uma prática cultural mais intensa.

Dessa forma, percebemos que os públicos do Vila são identificáveis, mesmo que de maneira superficial pelos agente culturais do teatro. Uma leve noção de quem seja seus públicos eles possuem, mas uma caracterização mais profunda e restrita, o formulário Diga Aí e os anos de experiência não foram capazes de dar. Não da forma especifica como foi feita na pesquisa de públicos realizada.

### 3.7 INSTRUMENTOS E RECURSOS

#### **3.7.1 Recursos Materiais – Equipamentos e Instalações**

O complexo do Vila é versátil até nos seus espaços e equipamentos disponíveis para produção de cultura. Possui um prédio arrojado, com saídas de emergência, acesso à portadores de deficiências especiais e estacionamento. A estrutura física disponível para promoção da cultura é amplo e diversificado, existe a Sala Principal, o Cabaré dos Novos, o foyer, as salas de ensaio, o estúdio, camarins, todos muito bem equipados e prontos para receber qualquer segmento cultural.

A Sala Principal tem capacidade para 237 pessoas e um palco tipo italiano removível e mutável. As dimensões do palco são: área total é 207,36m<sup>2</sup>, área de cena mínima: 12,60m<sup>2</sup>, área de cena máxima: 14,60m<sup>2</sup>, altura máxima: 8.0m, área da platéia (maior): 72m<sup>2</sup> e Área da platéia (maior): 56m<sup>2</sup>. Possui três camarins coletivos adaptados com iluminação apropriada para maquiagem, araras para figurino e tomadas com voltagens de 110 v. Já o charmoso Cabaré dos Novos, também possui um palco tipo italiano com largura no proscênio de 6.00m, largura no fundo 4.25m, profundidade 4.08m e altura 3.00m. Os espaços tidos como complementares são divididos entre as duas Salas de Ensaio, o Foyer que possui uma loja e serve tanto para promover eventos como recepção ao público quanto abrigar exposições. O Estúdio do Vila que serve para dar apoio tanto às produções internas quanto às externas.

Alguns equipamentos de som e iluminação são utilizados tanto pela Sala principal quanto pelo Cabaré: 01 canhão seguidor Clay Paky – Shadow QS-ST/HMI – 1.200W; 02 direct Box ativo Berhinger D100N; 01 Sistema sem fio Shure Beta 58; 01 sistema sem fio Shure SM 58; 01 sistema sem fio Sennhieser Freeport; 07 microfones Shure SM 58; 01 microfone AKG D112; 11 pedestais para microfone; aparelhos de multimídia – 01 projetor Benq de 4000 ansilumens e 01 tela de projeção 3x3,m.

Os aparelhos de iluminotécnica e sonorização utilizados apenas na Sala Principal são: 350 pontos de luz dimmerizados – 2KW cada, sendo 100 pontos paralelos entre o 1º e o 2º balcão; 06 varas de luz elétrica – 500K cada; 02 varas fixas circundando o teatro nos dois níveis de balcão; 01 mesa Bul Frog digital com 96 canais; 72 canais de dimmer's com 4KW cada; 35 elipsoidais 26/44 Strand Light, 1000W; 25 elipsoidais 18/32 Strand Light, 1000W; 20 fresnéis, 1.000W, Strand Light; 10 set light Strand Light, 1.000W; 15 par 64 # 1 – 1.000W/220V – Dexel; 15 Par 64 # 2 – 1.000W/220V – Dexel; 20 Par 64 # 5 – 1.000W/220V – Dexel.

Enquanto que os equipamentos de sonorização são: 08 caixas acústicas amplificadas JBL modelo Eon System 15; 02 caixas acústicas amplificadas JBL modelo Eon System subgraves 15; 01 mesa de som Yamaha LS-32; 01 cabo de 24 vias; 01 CD player Denon DN 2000 FMKII; 01 equalizador Berhinger Ultragraph Digital DEQ 1024; 01 direct Box Ativo com dois canais da Berhinger.

Os equipamentos de iluminação e som são um diferencial do teatro, pois parecidos com esses, só encontramos no Teatro Castro Alves, de natureza pública estadual e o recém reformado Martin Gonçalves de natureza pública federal possuem.

### **3.7.2 Recursos Humanos – Colaboradores do Vila**

O quadro de colaboradores do Vila é extenso, incluem profissionais de diversas áreas que juntos dão vida e gás as políticas culturais executadas. Esses profissionais estão distribuídos da seguinte forma: responsáveis pelos grupos residentes que também compõem a ONG Sol Movimento da Cena, membros dos

grupos residentes, – atores e colaboradores- funcionários da limpeza, técnicos de cenotecnia, som e iluminação, assessores de imprensa, gerente administrativo, porteiros e secretárias.

Esses colaboradores trabalham obedecendo a uma hierarquia, pois, o Vila, representa, uma organização linha-staff centralizada. Segundo Chiavenato, o Vila é caracterizado pela combinação de dois modelos de organização, a linear, na qual estão inseridos os órgãos ou departamentos detentores da autoridade e do poder decisório e a funcional, na qual se encontram os departamentos de suporte, que prestam serviços especializados e assessoria (CHIAVENATO, 2003, p.192).

### **3.7.3 Recursos Financeiros – Mantenedores e patrocinadores**

Os recursos financeiros têm a finalidade de manutenção da estrutura física e dos equipamentos, bem como de execução de projetos e programação. Há duas fontes de renda no Vila: as leis de incentivo, o patrocínio e o apoio que estão distribuídos entre a manutenção, dinamização, projetos e programação.

Para manutenção e dinamização do teatro a verba é proveniente das leis de incentivo à cultura e do patrocínio, direto ou indireto, de organizações privadas e das esferas governamentais. Os principais patrocinadores são: Petrobras, Ministério da Cultura, Governo Federal, Governo estadual e a Oi, empresa de telefonia. Para projetos como Vá ao Vila, Velho e a programação, o incentivo vem do Governo Estadual e do Fundo de Cultura.

Já os Amigos do Vila, forma de apoio financeiro que tem como contrapartida do teatro a agregação da marca da empresa amiga em diversas formas de divulgação. Os amigos do Vila são: Isotherm, Saúde Brasil, Signs Now, Mídia Bus, Alô Pãozinho, IRPOS, COT, Alugue Mais, SONAR Engenharia e Acampamento Arraial Uniser. Essas empresas destinaram recursos para um projeto cultural, e “é graças a estes mantenedores que o Vila pode acolher e apoiar mais de uma centena de artistas que produzem teatro para adultos e crianças, música e dança, realizam oficinas, promovem debates e estão sempre abertos a novas propostas”<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Trecho retirado do site: <http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/investir.htm>, último acesso em 03/11/2008 às 06h05min.

Portanto, os recursos financeiros do teatro provém de diversas fontes, o que nos permite afirmar que o investimento na cultura, tendo como base o Teatro Vila Velha, faz parte de um processo já anotado anteriormente e que reflete uma recente atenção dada ao campo. Atenção que está unindo o poder público, as organizações privadas, sem fins lucrativos ou comerciais e sociedade civil com objetivo de intervir, de forma efetiva, nas práticas e nos bens culturais.

### **3.7.4 Recursos Legais – regimento interno**

O Sol - Movimento da Cena - Centro de Pesquisa para o Desenvolvimento Cultural possui um estatuto que é a base legal da proposta do TVV. Nele estão discorridas as disposições a cerca da constituição, finalidade, objetivos, integrantes da diretoria e associados. Além do estatuto, tem os direitos e deveres dos grupos residentes e a contra partida do teatro.

O primeiro capítulo trata da denominação, do caráter, duração sede e foro da ONG. Criada em 05 de setembro de 1994, o Sol- Movimento da Cena é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com duração indeterminada, que está situada na Av. Sete de Setembro, s/nº, Passeio Público, no prédio do Teatro Vila Velha, na cidade de Salvador, Bahia. O segundo capítulo aborda as suas finalidades, como promover o desenvolvimento educacional e cultural do cidadão, formar platéia, criação de produtos artísticos provenientes da sistematização dos elementos culturais locais, formar e reciclar artistas e técnicos, bem como estimular e apoiar as manifestações a favor da comunidade.

Na segunda parte do capítulo dois, trata dos objetivos da ONG, que são por consequência, os objetivos das decisões tomadas pela direção: as políticas culturais. O intuito da organização é desenvolver o processo criativo, realizar a montagem de espetáculos, fomentar a pesquisa relacionadas aos temas abordados nos trabalhos apresentados, promover o intercambio com artistas locais, nacionais e internacionais, divulgar a produção da ONG e mobilizar instituições de ensino para trabalhar com a cultura baiana e brasileira.



Do terceiro ao nono capítulo o assunto principal são os associados, os processos de admissão, desligamento, direitos e deveres, a constituição e organização do Sol – Movimento da Cena, da composição da assembléia geral, qual a função, o que deve ser decidido e quando. A partir do décimo capítulo, ficam claras as questões do patrimônio e da proveniência dos recursos para a manutenção da estrutura e dos equipamentos do teatro. Associado a este documento, existe uma legislação vigente no Vila, que diz respeito aos direitos e deveres dos grupos residentes.

Dentre alguns dos seus direitos podemos citar a utilização da estrutura física salas de ensaio, Palco Principal, serviços, de comunicação, por exemplo, como telefone, internet e outros e preço diferenciado pela cessão da pauta. O teatro cobra o valor mínimo de pauta para os grupos da casa. Por outro lado, os deveres que os grupos assumem são estar sempre produzindo projetos, espetáculos ou oficinas, repassar 10% de todo recurso obtido e, principalmente, desempenhar ações que tragam recursos financeiros para o teatro, funcionando assim, como mantenedores.

Assim sendo, essas duas normas se completam de modo a integrar diretrizes que tem como principal foco a manutenção do espaço físico e dos equipamentos disponíveis no teatro. Além de regulamentar as ações internas, de cunho administrativo, como distribuição de cargos e funções, atribuição de tarefas e afazeres, uso dos serviços, entre outros.

### 3.8 MOMENTOS ACIONADOS

Todos os elementos do sistema cultural são acionado e articulado no Vila. Esses elementos são compreendidos, segundo Rubim, por:

1. Criação, invenção e inovação;
2. Difusão, Divulgação e transmissão;
3. Circulação, intercâmbios, trocas e cooperação;
4. Análise, Crítica, estudo, investigação, pesquisa e reflexão;
5. fruição, consumo e públicos;
6. Conservação e preservação;
7. Organização, legislação, gestão e produção da Cultura.

No papel de criadores, inventores e inovadores temos os grupos residentes, o diretor do teatro e a ONG Sol Movimento da Cena. Esses atores são responsáveis por idealizar e executar as linhas de ação do Vila, num processo em cada um tem uma função específica: os primeiros são responsáveis por executar as políticas culturais, o segundo cobrar dos primeiros ações e resultados e o terceiro gerir e administrar o equipamento.

Enquanto o trabalho de produção e montagem é executado, a assessoria de imprensa do TVV auxilia os grupos divulgando seus espetáculos. A divulgação do teatro e dos espetáculos é feito através do sítio [www.teatrovilavelha.com.br](http://www.teatrovilavelha.com.br), onde se encontram disponíveis todas as informações necessárias sobre o funcionamento do Vila, abordadas de uma maneira clara e precisa. A mala-direta<sup>23</sup>, ou como é denominado, Informativo do Vila que é enviado semanalmente para um mailling cadastrado com mais de 2.500 pessoas.

O blog tem um link no sitio do teatro, ou pode ser acessado através do <http://blogdovila.blogspot.com/>, trata de uma forma mais informal e direta de informar, segundo a apresentação contida nele, “é o espaço mais autenticamente nosso e completamente nosso que temos. Mais que o site. Só perde mesmo para o palco”. As outras formas de divulgação - cartazes mensais, banners, busdoor e outdoor – são feitas pelos grupos por meio da verba dos patrocínios.

O terceiro momento desse sistema é caracterizado por ações culturais que resultaram em um dispositivo de troca de experiências e vivencias entre o Vila e grupos nacionais (do subúrbio, do estado) ou internacionais: os intercâmbios. Dentre essas ações destacam-se a ida do espetáculo Cabaré da RRRaça, do bando à Angola, os projetos de intercambio desenvolvidos em Londres e na Argentina, pela Cia. Novos Novos.

Os dois momentos seguintes, de a) pesquisa/ análise e b) fruição/ consumo contempla as pessoas que não estão vinculados ao teatro. No primeiro momento, o trabalho é executado por profissionais, como, por exemplo, uma crítica de um

---

<sup>23</sup> Ilustração de uma mala direta em anexo.

jornalista à espetáculos encenado por algum dos grupos. Já no segundo momento, o da aceitação e fruição por parte de quem consome os bens culturais criados no Vila, estamos tratando de um público não profissionalizado. Um público que, mesmo superficialmente, os grupos residentes conseguem identificar.

Para Chica Carelli, o Bando tem como públicos negros, estudantes, profissionais liberais, com baixo poder aquisitivo e um pequeno percentual de estrangeiros. Já para Vinício Oliveira, A Outra Cia. de Teatro, os públicos ainda estão em formação, devido ao fato do grupo ser novo. Débora Landim caracteriza os públicos infanto-juvenis da Cia Novos Novos como composto por crianças e adolescentes classe média alta.

A função de preservação e conservação da história, da estrutura física e administrativa e dos equipamentos é dos gestores do Vila, a ONG Sol Movimento da cena, que é responsável pela manutenção e dinamização Vila, bem como pelo acervo e memória. É a ONG quem responde por todas as ações e questões do teatro, bem como, cria e aplica a legislação vigente, compondo, assim, a última etapa do sistema cultural. Vale ressaltar que no Vila, os dirigentes, gestores e produtores são as mesmas pessoas atuando em diferente funções.

### 3.9 INTERFACES DA CULTURA

O teatro Vila Velha é um pólo de formação e reciclagem tanto de artista quanto de públicos, na sua concepção, diversas áreas dialogam com o teatro e as artes cênicas. Nas oficinas, por exemplo, há um espaço aberto a discussões, que contam com a participação da sociedade civil em que diferentes temas, enfoques e profissionais participantes conversam. Áreas como a psicanálise, a comunicação, administração e educação fazem parte desse casamento com a cultura, presente no Vila.

A psicanálise se apresenta como interface quando seus princípios, formulações, idéias ou teses são disseminadas em roteiros de peças, em leituras dramáticas ou, simplesmente, são temas de leituras e palestras. A comunicação está presente na atuação de profissionais, como assessores de imprensa, que são responsáveis por divulgar os espetáculos e a programação do Vila. A administração é o centro norteador de toda gestão do teatro. É através de teorias formuladas por estudiosos da teoria administrativa que podemos identificar o modelo administrativo empregado.

Por fim, a educação tem papel fundamental na formação de cidadão e possíveis e futuros públicos, pois, segundo Gomes, a educação promove mudanças importantes nos indivíduos favorecendo o desenvolvimento deles na sociedade. Dessa maneira, espera-se que a educação atinja a vida das pessoas, assim como a cultura. É por isso, que o incentivo dado por pais e professores é fundamental, durante o processo de formação das crianças, para torná-las públicos de cultura, como foi constatado na pesquisa de públicos no perfil dos públicos infanto-juvenis do Vila.

Assim, percebemos que cada interface da cultura que é acionada, traz novas noções e idéias que são introduzidas, interferindo no campo cultural. Adicionando possíveis informações para os atores de políticas culturais, influenciando no sistema cultural, a partir do momento que quando ativadas, essas interfaces se relacionam com a cultura de tal modo que os indivíduos, de alguma forma, ligados a elas se vêem obrigados a desenvolver algum nível de conhecimento em suas vidas para que possam compreender e diferenciar cada contribuição que é dada por esses campos co-relacionados.

## CONCLUSÃO

O processo de realização deste trabalho foi árduo. A começar pela conceituação de termos tão abrangentes como cultura, políticas culturais e políticas públicas de cultura. Mas uma vez definidos, esses conceitos serviram para esclarecer os caminhos pelos quais traçaria as políticas culturais do Vila.

Depois, surgiu a necessidade de criar um roteiro de entrevistas em que ficasse delimitado os tópicos do modelo proposto que iriam ser abordados. Mas, uma vez solucionado, possibilitou mais agilidade e clareza na identificação das políticas culturais do Vila. Porém, alguns pontos destes tópicos ainda estavam obscuros e precisavam de uma orientação vinda de alguém que participa da vida e possui experiência quando se trata da história, da administração e da gestão do Vila.

As entrevistas representaram o problema mais relevante desta pesquisa, devido à produção e montagem de espetáculos e oficinas. Só sendo possível efetuar três, das quatro, entrevistas pessoalmente, uma teve o questionário encaminhado por e-mail e respondido pelo responsável do grupo. Assim, apresentamos as considerações acerca das políticas culturais do Vila Velha.

As nove dimensões propostas para análise se articulam e se completam num complexo sistema cultural desenvolvido pelo teatro. É possível identificar cada uma dessas dimensões em diferentes momentos, assim, todo o sistema é acionado, não havendo como apontar um momento que se sobressaia a outro, que seja mais privilegiado. O que podemos aferir é que todo o sistema, além de ser complexo, é articulado e conectado com a finalidade de colocar em prática a filosofia e a missão do TVV: fomentar a cultura.

Dessa forma, o sistema desenvolvido configura as políticas culturais formuladas e executadas por um único equipamento, não se aplicando a outro. Por essa razão, estamos aptos a afirmar que no Teatro Vila Velha existem sim políticas culturais, que são ilustradas pelas linhas de ação do equipamento, compreendendo desde a formação de públicos e profissionais a execução de projetos e oficinas, por

dois importantes atores culturais: a ONG Sol Movimento da Cena, que administra o teatro e pelos grupos residentes.

A pesquisa mostra que há uma noção de cultura, bem como, objetivos e metas específicos implícitos em todas as ações acionadas. A definição de políticas culturais apresentada nesse trabalho se encaixa as políticas culturais desenvolvidas em parceria com as políticas acionadas, provenientes de ações governamentais.

A estrutura física e os equipamentos disponíveis suprem as necessidades dos grupos da casa e de fora que produzem espetáculos, promovem palestras e oficinas. Assim como a estrutura administrativa disponibilizada para os grupos residentes representa um modelo de gestão que tem funcionado bem no teatro, permitindo o uso dos espaços e serviços presentes, como telefone, luz, internet. Os custos só são repassados para os grupos quando as finanças do teatro estão deficitárias.

Os recursos financeiros, humanos, legais e matérias compõem a estrutura física e administrativas, são eles que dão subsídios para execução de todas as diretrizes propostas. As interfaces da cultura que dialogam com as políticas culturais, são importantes para o desenvolvimento de palestras e a produção de roteiros baseados em pesquisa de tema.

Os públicos, consumidores dos bens culturais do teatro, são formados e fidelizados pelas ações e políticas realizadas. Funcionam como um termômetro das produções internas, pois, verificam as propostas pretendidas por cada grupo. Essa verificação é justamente porque a maioria dos grupos conhece e consegue defini-los, mesmo que superficialmente.

Destarte, o Teatro Vila Velha promove a diversidade de expressões culturais presentes na cultura baiana e brasileira e ao mesmo tempo as protege através do seu acervo, da sua memória. Respeitando a diversidade social e cultural presente em Salvador. Isso mostra quanto é fundamental para uma cidade ter um equipamento bem estruturado, com uma gestão honesta e eficiente, e que formula e desenvolve políticas culturais capazes de serem continuas mesmo com a mudança ou reformas físicas e administrativas que ocorreram no Vila.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JR, Durval M. **Gestão ou Geração Pública da Cultura: algumas reflexões sobre o papel do Estado na produção Cultural contemporânea.** In BARBALHO, Alexandre; RUBIM, Antônio Albino. **Políticas Culturais no Brasil.** 1ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2007

BALANCO, Jan. **Políticas Culturais no Estado da Bahia - Gestão Paulo Souto/César Borges (1995-1998).** Salvador, disponível em [http://www.cult.ufba.br/arquivos/Pol\\_ticas\\_Culturais\\_da\\_Bahia\\_\\_Paulo\\_Souto\\_\\_\\_\\_Jan\\_Balanco\\_\\_....pdf](http://www.cult.ufba.br/arquivos/Pol_ticas_Culturais_da_Bahia__Paulo_Souto____Jan_Balanco__....pdf), último acesso em 03/11/2008 às 00h26min.

BARBALHO, Alexandre, RUBIM, Antônio Albino. **Políticas Culturais no Brasil.** 1ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2007.

BARROSO, João. **Estatística Aplicada - Roteiro de Leitura Básico para Acompanhamento da Disciplina.** Salvador, FSBA: 2005, p 4-7.

BOTELHO, Isaura. **As dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas.** Disponível em: <http://www.centrodametropole.org.br/pdf/Isaura.pdf>, último acesso em 20/04/2008 às 13h55min.

BOTELHO, Isaura. **A Política Cultural e o Plano das Idéias.** Comunicação apresentada no III Encontro Multidisciplinares em Cultura (Enecult). Salvador: FACOM / UFBA, 2007.

CALABRE, Lia. **Política Cultural no Brasil: Um Histórico.** Comunicação apresentada no I Encontro Multidisciplinares em Cultura (Enecult). Salvador: FACOM / UFBA, 2005.

CANEDO, Daniele. **Secretaria da Cultura ou fundação Cultural.** Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/DanielePereiraCanedo.pdf>, último acesso em 20/05/2008 às 16h15min.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à Teoria Geral da Administração.** 7ª Ed. 8ª reimpressão, Rio de Janeiro: Campus, 2003, p.155.

COSTA, Leonardo. **Uma Reflexão Sobre as Políticas Públicas e a Questão da Formação na Área Cultural.** Comunicação apresentada no IV Encontro Multidisciplinares em Cultura (Enecult). Salvador: FACOM / UFBA, 2008.

FELIX, Paula; FERNANDES, Taiane. **Política Cultural.** < <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/POLITICACULTURAL.pdf>> último acesso, 03/11/2008 às 8h35min

FERNANDES, Taiane. **Políticas Culturais Estaduais na Bahia - Governo Antônio Carlos Magalhães (1991-1994).** Salvador, 2006, disponível em

[http://www.cult.ufba.br/arquivos/Políticas\\_Culturais\\_gestao\\_ACM\\_91\\_94\\_FINAL\\_Taiane.pdf](http://www.cult.ufba.br/arquivos/Políticas_Culturais_gestao_ACM_91_94_FINAL_Taiane.pdf), último acesso em 03/11/2008 às 00h12min.

FERNANDES, Taiane e NOVA, Luiz. **Baianidade**. Salvador, 2006. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/BAIANIDADE.pdf>>, último acesso em 03/11/2008 às 08h46min.

GIL, Gilberto. **Discurso do ministro Gilberto Gil no Fórum dos Dirigentes Estaduais de Cultura**. Foz do Iguaçu, 19 de agosto de 2003. <<http://www.cultura.gov.br/site/2003/08/19/discurso-do-ministro-gilberto-gil-no-forum-dos-dirigentes-estaduais-de-cultura/>> Último acesso: 29/10/2008, às 13h44min.

\_\_\_\_\_ **Discurso do ministro Gilberto Gil no Seminário Cultura XXI**. Fortaleza, 20 de março de 2003. <<http://www.cultura.gov.br/site/2003/03/19/discurso-do-ministro-gilberto-gil-no-seminario-cultura-xxi/>>

GOMES, Geórgia D.S. **O Papel da Cultura na Educação Brasileira**. Disponível em [http://br.geocities.com/ferreavox/o\\_papel\\_da\\_cultura\\_na\\_educacao\\_brasileira.html](http://br.geocities.com/ferreavox/o_papel_da_cultura_na_educacao_brasileira.html), último acesso em 03/11/2008 às 11h09min.

KAUARK, Giuliana. **Contribuições da Convenção Para Diversidade Cultural Para a Política Cultural Brasileira**. Comunicação apresentada no IV Encontro Multidisciplinares em Cultura (Enecult). Salvador: FACOM / UFBA, 2008.

\_\_\_\_\_ **Políticas Culturais no Estado da Bahia - Gestões de César Borges (1998-2002) e Paulo Souto (2002-2006)**. Salvador, 2006, disponível em [http://www.cult.ufba.br/arquivos/Políticas\\_Culturais\\_da\\_Bahia\\_Cesar\\_Borges\\_e\\_Paulo\\_Souto\\_Gi....pdf](http://www.cult.ufba.br/arquivos/Políticas_Culturais_da_Bahia_Cesar_Borges_e_Paulo_Souto_Gi....pdf), último acesso em 03/11/2008 às 22h42min.

\_\_\_\_\_ **Políticas Culturais de Salvador nas gestões Imbassahy (1997-2000 e 2001-2004) (versão preliminar)**. Salvador, 2005, disponível em [http://www.cult.ufba.br/arquivos/cult\\_polcult\\_97\\_04.pdf](http://www.cult.ufba.br/arquivos/cult_polcult_97_04.pdf), último acesso em 04/11/2008 às 14h36min.

KÖOP, Juliana e ALBINATI, Mariana. **Políticas Culturais de Salvador na gestão Mário Kertész (1986 a 1989) (versão preliminar)**. Salvador, 2005, disponível em [http://www.cult.ufba.br/arquivos/cult\\_polcult\\_86\\_89.pdf](http://www.cult.ufba.br/arquivos/cult_polcult_86_89.pdf), último acesso em 04/11/2008 às 10h43min.

MACIEL, Bruno. **Políticas Culturais no Estado da Bahia (1945-1964)**. Salvador, 2006, disponível em [http://www.cult.ufba.br/pesq\\_polcult\\_estado.htm](http://www.cult.ufba.br/pesq_polcult_estado.htm), último acesso em 03/11/2008 às 23h28min

MARQUES, Letícia; SALES, Ciro. **Teatro Vila Velha**. Trabalho de final da disciplina COM 134: Análise de Públicos e Mercados Culturais. Faculdade de Comunicação/UFBA. 2005.2 (mimeo)



NASCIMENTO, Alberto. **Política Cultural e Financiamento do Setor Cultural**. Comunicação apresentada no IV Encontro Multidisciplinares em Cultura (Enecult). Salvador: FACOM / UFBA, 2008.

NUSSBAUMER, Gisele. **O Mercado da Cultura em Tempos (Pós) Modernos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.

\_\_\_\_\_. **Teorias e Políticas da Cultura**. 1ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2007.

REIS, Ana Carla. **Marketing Cultural e Financiamento da Cultura**. São Paulo: Pioneira, 2003, p.139-147.

RUBIM, Antônio Albino. **Políticas Culturais do Governo Lula/ Gil: desafios e Enfrentamentos**. Comunicação apresentada no III Encontro Multidisciplinares em Cultura (Enecult). Salvador: FACOM / UFBA, 2007.

\_\_\_\_\_. **Políticas Culturais: entre o possível e o impossível**. In NUSSBAUMER, Gisele. **Teorias e Políticas da Cultura**. 1ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2007.

\_\_\_\_\_. **As Políticas Públicas de Cultura no Brasil e na Bahia**. <[www.cultura.ba.gov.br/.../politicas-publicas-de-cultura-no-brasil-e-na-bahia/attachment\\_download/file](http://www.cultura.ba.gov.br/.../politicas-publicas-de-cultura-no-brasil-e-na-bahia/attachment_download/file)> último acesso em 30/05/2008 às 23h46min.

PITOMBO, Mariella. **Entre o universal e o heterogêneo: uma leitura do conceito de cultura da UNESCO**. In NUSSBAUMER, Gisele. **Teorias e Políticas da cultura**. 1ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2007

RUBIM, Linda. **Organização e Produção da Cultura**. Salvador: EDUFBA, 2005. (p.33-43)

SANTOS, Marcos. **Políticas Culturais na Bahia - Gestões Waldir Pires e Nilo Coelho (1987-1991) (versão preliminar)**. Salvador, 2006, disponível em [http://www.cult.ufba.br/arquivos/Gestoes\\_Waldir\\_Pires\\_e\\_Nilo\\_Coelho\\_VER\\_JULHO\\_2006\\_roberto.pdf](http://www.cult.ufba.br/arquivos/Gestoes_Waldir_Pires_e_Nilo_Coelho_VER_JULHO_2006_roberto.pdf), último acesso em 03/11/2008 às 23h52min.

SILVA, Ana Paula e ALCÂNTARA, Débora. **As Políticas Culturais no município de Salvador na Gestão Lídice da Mata (1993 a 1996) (versão preliminar)**. Salvador, 2005, disponível em [http://www.cult.ufba.br/arquivos/cult\\_polcult\\_93\\_96.pdf](http://www.cult.ufba.br/arquivos/cult_polcult_93_96.pdf), último acesso em 04/11/2008 às 11h35min.

SOUZA, Lília e LEAL, Claudio. **Política Cultural e o governo Fernando José**. Salvador, 2005, disponível em [http://www.cult.ufba.br/arquivos/Politica\\_Cultural\\_PMS\\_Gestao\\_Fernando\\_Jose\\_Claudio\\_e\\_Lilia....pdf](http://www.cult.ufba.br/arquivos/Politica_Cultural_PMS_Gestao_Fernando_Jose_Claudio_e_Lilia....pdf), último acesso em 04/11/2008 às 08h22min.

TEIXEIRA COELHO NETO, José. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. 3ª Edição, São Paulo: Iluminuras, 2004.

UCHÔA, Sara. **Políticas Culturais do Estado da Bahia (1964-1987)**. Salvador, 2006, disponível em [http://www.cult.ufba.br/arquivos/politicas\\_culturais\\_1964\\_1987\\_.pdf](http://www.cult.ufba.br/arquivos/politicas_culturais_1964_1987_.pdf), último acesso em 03/11/2008 às 23h39min.

UNESCO. **Convenção sobre a proteção e a promoção das Expressões Culturais**. <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224POR.pdf>>, último acesso em 01/05/2008 às 23h40min.

VAZ, Lílian; JACQUES, Paola. **A cultura na revitalização urbana – espetáculo ou participação?** In: *Revista Espaço e Debates*. São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos. v.23. n.43-44. jan/dez, 2003.

### **Teatro Vila Velha:**

<http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/ctn/ctn.htm>, último acesso 11/11/2008 às 21h50min.

[http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/novos\\_novos/novosnovos.htm](http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/novos_novos/novosnovos.htm), último acesso 11/11/2008 às 21h51min.

<http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/bando/bando.htm>, último acesso 11/11/2008 às 21h52min.

<http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/vilavox/vilavox.htm>, último acesso 11/11/2008 às 21h53min.

<http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/viladanca/viladanca.htm>, último acesso 11/11/2008 às 21h54min.

[http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/a\\_outra/aoutra.htm](http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/a_outra/aoutra.htm), último acesso 11/11/2008 às 21h55min.

<http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/historia.htm>, último acesso 11/11/2008 às 21h56min.

<http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/espacos.htm>, último acesso 11/11/2008 às 21h57min.

<http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/projetos.htm>, último acesso 11/11/2008 às 21h58min.

<http://www.teatrovilavelha.com.br/teatro/grupos.htm>, último acesso 11/11/2008 às 21h59min.

<http://www.teatrovilavelha.com.br/gresidentes2.htm>, ultimo acesso, 27/05/2008 às 23h31min.

**Teatro Castro Alves:**

Teatro Castro Alves < <http://www.tca.ba.gov.br/01/index.html>> , último acesso 30/10/2008 às 14h20min.

**Secretaria da Cultura do Estado da Bahia:**

<http://www.cultura.ba.gov.br/secretaria/missao>>, último acesso 03/11/2008 às 00h34min.

<<http://www.cultura.ba.gov.br/secretaria/desafio>>, último acesso 03/11/2008 às 00h41min.

<http://www.cultura.ba.gov.br/linhasdeacao>>, último acesso em 03/11/2008 às 00h53min.

**Fundação Gregório de Matos:**

<<http://www.cultura.salvador.ba.gov.br/apresentacao.php>>, último acesso, 03/11/2008 às 1h26min.

**CENTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA – CULT:**

<http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/BAIANIDADE.pdf>, último acesso 03/11/2008 às 08h46min.

<http://www.cult.ufba.br/biblioteca.html>, último acesso, 11/10/2008 às 22h02min

**Ministério da Cultura (MINC)**

[http://www.cultura.gov.br/programas\\_e\\_acoes/programa\\_cultura\\_viva/pontos\\_de\\_cultura/index.php](http://www.cultura.gov.br/programas_e_acoes/programa_cultura_viva/pontos_de_cultura/index.php), último acesso 03/11/2008 às 04/41 min

